

**UNIVERSIDADE DE SOROCABA**  
**PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO E ASSUNTOS ESTUDANTIS**  
**CURSO DE RELAÇÕES PÚBLICAS**

**Karolina Monteiro de Souza**

**RELAÇÕES PÚBLICAS E INCLUSÃO: RELATOS DE VIDA DE PROFISSIONAIS  
COM DEFICIÊNCIA**

**Sorocaba/SP**

**2021**

**Karolina Monteiro Souza**

**RELAÇÕES PÚBLICAS E INCLUSÃO: RELATOS DE VIDA DE PROFISSIONAIS  
COM DEFICIÊNCIA**

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado como exigência parcial para obtenção do diploma de Graduação em Relações Públicas, da Universidade de Sorocaba.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Cristina da Costa Piletti Grohs

**Sorocaba/SP**

**2021**

**Karoline Monteiro Souza**

**RELAÇÕES PÚBLICAS E INCLUSÃO: RELATOS DE VIDA DE PROFISSIONAIS  
COM DEFICIÊNCIA**

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado  
como exigência parcial para obtenção do  
diploma de Graduação em Relações Públicas da  
Universidade de Sorocaba

Aprovado em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA:**

Profa. Dra. Ana Cristina da Costa Piletti Grohs

Universidade de Sorocaba

Prof.(a) Dr.(a) Nome Completo do(a) Examinador(a)

Instituição a que ele(a) pertence

## RESUMO

Este trabalho teve como objetivo conhecer e registrar as histórias de profissionais de Relações Públicas com deficiência, visando identificar as barreiras e possibilidades para sua inclusão na academia e no mercado de trabalho. Para isso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre inclusão das pessoas com deficiência e o papel das Relações Públicas nesse processo, tendo como referências principais Romeu Sasaki (1997, 2009) e Sueli Yngaunis (2019). Realizou-se ainda uma pesquisa de campo mediante entrevistas com quatro profissionais de Relações Públicas com deficiência, incluindo a autora do trabalho. Por fim, constatou-se que as barreiras para a inclusão ainda estão presentes no cotidiano das entrevistas, sendo a atitudinal a mais difícil a ser rompida, destacando ainda o papel educativo e social do profissional de relações públicas para a inclusão da pessoa com deficiência.

**Palavras-chave:** Relações Públicas. Inclusão. Pessoas com Deficiência. Academia. Mercado de Trabalho.

## **ABSTRATC**

This work aimed to know and record the stories of public relations professionals with disabilities, in order to identify the barriers and possibilities for their inclusion in academia and in the job market. For this, a bibliographical research was carried out on the inclusion of people with disabilities and the role of Public Relations in this process, having as main references Romeu Sasaki (1997, 2009) and Sueli Yngaunis (2019). A field research was also carried out through interviews with four public relations professionals with disabilities, including the author of the work. Finally, it was found that the barriers to inclusion are still present in the daily lives of interviews, with the attitudinal being the most difficult to be broken, also emphasizing the educational and social role of the public relations professional for the inclusion of people with disabilities.

**Keywords:** Public Relations. Inclusion. Disabled people. Academy. Job market.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeramente a Deus, por ter conseguido concluir o meu Trabalho de Conclusão de Curso. Agradeço aos meus pais que acreditaram em mim todos os dias e me incetivaram sendo minha base de amor, de afeto e recursos para conseguir concluir o curso de graduação. À minha irmã, agradeço pela ajuda na produção da apresentação do trabalho e dicas acadêmicas. À minha avó por estar sempre comigo e aos meus amigos dos grupos nas redes sociais das pessoas com deficiência e à fiel companhia dos meus cachorros Sophi, Fred, Tobias, Max e Emy. Agradeço também aos entrevistados Luisa Camargos, Letícia Pinto e Sueli Yngaunis pela disponibilidade e por aceitarem participar das entrevistas e pelas as trocas de experiências de conhecimento. Agradeço também a Universidade de Sorocaba e aos profissionais do Núcleo de Acessibilidade UnisoDiversidade, nas pessoas da coordenadora Sylvia Labrunet e da Francimar Mangabeira por me ajudarem desde o início da graduação até a sua conclusão. Agradeço também aos professores do curso de Relações Públicas, especialmente ao professor Fábio Henrique Mascarenhas pelo auxílio nos projetos e pelos ensinamentos nas aulas. Agradeço ainda a professora nova do curso de Relações Públicas Vanicleia Pinto de Oliveira pela participação na minha pré-banca e pelas contribuições para a melhoria do trabalho. Agradeço também à minha orientadora Ana Cristina da Costa Pilletti Grohs, pela paciência e orientações acadêmicas para estruturação e produção do Trabalho de Conclusão de Curso. Agradeço ainda a coordenadora do Curso de Relações Públicas Mércia Segala Bruns, pelo acolhimento e por sempre acreditar no meu potencial, incentivando a continuidade do curso e a produção de um trabalho monográfico sobre o tema inclusão da pessoa com deficiência, bem como oportunizar a realização de estágio na Agência Experimental de Relações Públicas “A.Gente”. Agradeço o apoio de todos os demais professores que fizeram parte da minha trajetória para a formação profissional de Relações Públicas. Agradeço muito a minha professora de Língua Portuguesa Tatiana Veronezzi por me acompanhar nesta trajetória e me ajudar no desenvolvimento da minha comunicação escrita, além de não desistir e acreditar em mim. Por fim, agradeço a minha psicóloga Sandra Panageiro Possamaes por me ajudar a manter a saúde mental e emocional para seguir no curso e nessa profissão que eu amo que é apaixonante.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>2 INCLUSÃO DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA: CONTEXTO E DESAFIOS..</b>	<b>10</b>
2.1 Inclusão: conceito e histórico .....	10
2.2 Barreiras para inclusão .....	15
<b>3 RELAÇÕES PÚBLICAS E INCLUSÃO DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA....</b>	<b>21</b>
3.2 Papel das relações públicas na inclusão de pessoas com deficiência.....	21
<b>4 PESQUISA APLICADA .....</b>	<b>26</b>
4.1 Procedimentos metodológicos.....	26
4.2 Análise e discussão dos resultados .....	27
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>36</b>
<b>APÊNDICE 1 – ROTEIRO DA ENTREVISTA.....</b>	<b>38</b>
<b>APÊNDICE 2 – TERMOS DE CONSENTIMENTO DE ENTREVISTAS.....</b>	<b>40</b>
<b>APÊNDICE 3 – ENTREVISTA KAROLINA MONTEIRO.....</b>	<b>43</b>
<b>APÊNDICE 4 – ENTREVISTA LUISA CAMARGOS .....</b>	<b>48</b>
<b>APÊNDICE 5 – ENTREVISTA LETÍCIA GUILHERME.....</b>	<b>54</b>
<b>APÊNDICE 6 – ENTREVISTA SUELI YNGAUNIS .....</b>	<b>66</b>

## 1 INTRODUÇÃO

De acordo com levantamento realizado pela plataforma “Quero Bolsas”, a partir dos dados do censo superior da educação (INEP, 2018), o número de matrículas de alunos com deficiência nos cursos de graduação passou de 20.530 no ano de 2009 para 43.633 no ano de 2018, ou seja, um aumento superior a 50 % (MURÇA, 2020). Contudo, este número representa apenas 0,52% do total de alunos matriculados nos cursos de graduação do ensino superior do Brasil. Além disso, apenas 4,8 mil estudantes com deficiência concluem a graduação, sendo a taxa de evasão de 27%. (REVISTA DO ENSINO SUPERIOR, 2018). Portanto, ainda são poucas pessoas com deficiência que ingressam e concluem uma graduação, não sendo diferente nos cursos de Relações Públicas.

Dessa forma, faz-se necessário compreender a trajetória de vida das pessoas com deficiência que conseguem ou conseguiram ingressar e concluir um curso superior, entendendo suas dificuldades, bem como suas expectativas e conquistas durante sua formação profissional. Assim, o objetivo desse trabalho é conhecer e registrar as histórias desses profissionais de Relações Públicas com deficiência, visando identificar as barreiras e possibilidades para sua inclusão na academia e no mercado de trabalho.

Considerando que a autora desse trabalho é protagonista, do processo de inclusão no Ensino Superior, porque tem deficiência e vem percorrendo a trajetória acadêmica em busca formação profissional em relações públicas, a pesquisa traz de forma concreta e vivenciada a experiência da própria pesquisadora que também será sujeito do estudo. No mais, participa de um grupo de apoio às pessoas com Deficiência Intelectual/Cognitiva leve e seus familiares, no qual são trocadas experiências e colaboração entre os participantes. Neste espaço, a autora



incentiva outras pessoas que querem cursar uma graduação, mas sentem-se inseguras e receosas em relação a sua capacidade e possíveis situações de discriminação.

Com relação a relevância acadêmica e profissional do tema destaque-se o papel humanizador e social do profissional de relações públicas que, por exemplo, como comunicador no ambiente organizacional, tem competências “para quebrar barreiras de estereótipos e preconceitos” contribuindo com a inclusão da diversidade de pessoas, inclusive com as pessoas com deficiência, conforme destaca Sueli Yngaunis (2019).

Como metodologia de pesquisa este trabalho apresenta minha própria história como aluna de um curso de Relações Públicas na Universidade de Sorocaba, bem como a experiência de vida de outros três profissionais de Relações Públicas com deficiência: uma profissional com Síndrome de Down (deficiência intelectual), uma com baixa visão e deficiência auditiva e outra com deficiência física.

Para coleta dos dados, foram realizadas entrevistas de forma virtual, em vídeo conferência, e presencialmente. Inicialmente, foram quatro entrevistas e todas demandaram autorização de imagem, anexas no final deste trabalho (Apêndice 2).

Este material será analisado no último capítulo utilizando-se do referencial teórico estudado, para entender os motivos relativos a preconceitos, discriminação, acolhimento e empatia. E analisar o papel do profissional de Relações Públicas na direção de diminuir o preconceito e a discriminação às pessoas com deficiência e já inseridas no mercado de trabalho, e/ou divulgar e apoiar boas práticas já utilizadas no ambiente acadêmico e profissional.

## 2 INCLUSÃO DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA: CONTEXTO E DESAFIOS

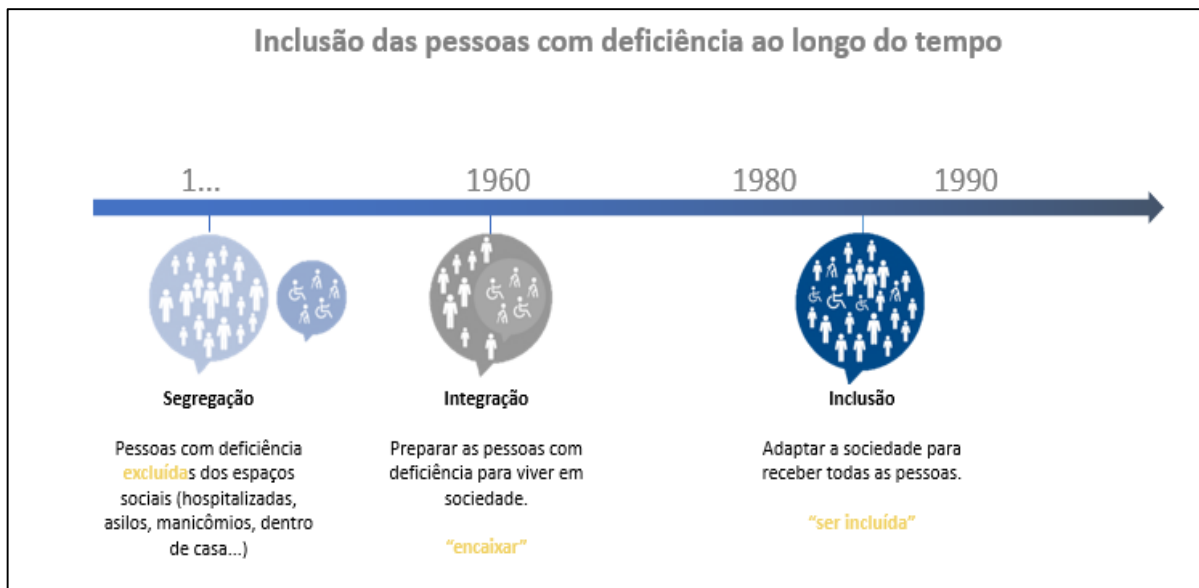
Este capítulo trata do conceito de inclusão das pessoas com deficiência, apresentando um histórico sobre a discussão da temática na sociedade, bem como das barreiras e desafios para a efetivação da inclusão. Como base teórica, utilizou-se principalmente os estudos de Romeu Sasaki (2009).

### 2.1 Inclusão: conceito e histórico

Romeu Sasaki (2009), pesquisador e consultor de inclusão há 57 anos, porta voz e tradutor das orientações da Organização das Nações Unidas (ONU) para o Brasil, com participações em debate sobre o assunto fora do país, realiza um diálogo em torno das questões relacionadas à área de inclusão de pessoas com deficiência na sociedade e no mercado de trabalho. Em entrevista concedida à Roberto Rios, no programa Diversidade Cidade, Sasaki chama a atenção para o processo de inserção social entendido em duas etapas históricas: a primeira é a da Integração e a segunda é a etapa da Inclusão. Ambas propõem que a pessoa com deficiência seja aceita na sociedade em geral, porém a Integração possui um viés de adaptação da pessoa com deficiência na sociedade e a Inclusão possui um enfoque mais amplo, de maneira que é a sociedade que precisa se adaptar às condições da pessoa com deficiência.

Observa-se na **Figura 01**, a linha do tempo da inclusão da pessoa com deficiência:

Figura 01: Linha do tempo: da segregação à inclusão



Fonte: elaborado pela autora

Nos anos 60 falava-se muito sobre Integração, inclusive o próprio autor, Romeu Sasaki (2009) utilizava esta nomenclatura. Mesmo porque, antes da Integração, o que existia era somente exclusão total. Aliás, a resistência à Integração acontece até hoje, pois muitos não aceitam esta compreensão. Integração é “encaixar” pessoas com deficiência nos lugares que a sociedade aceitar e esses poucos espaços são cheios de barreiras. Não havia obrigatoriedade de mudanças. Já a inclusão é um ato de mudar, alterar as áreas para que as pessoas com deficiências possam participar.

Na Inclusão os espaços ~~que~~ são modificados para se adequar às necessidades enfrentadas pelas pessoas com deficiência. Trata-se, portanto, do desenvolvimento de tecnologias para que as pessoas possam utilizar isso em todas as áreas. Havia muita dificuldade para as empresas contratarem pessoas com deficiência, bem como incluí-las de fato nas atividades laborais. Então, posteriormente, o consultor Romeu Sasaki (2009) abandonou o conceito de Integração e passou a defender a Inclusão como um novo conceito e prática, as

quais a sociedade deveria adaptar-se para receber todas as pessoas. E a inclusão tem um sentido mais abrangente, é a sociedade que precisa se adaptar para a diversidade e, de fato, incluir as minorias.

Em 1979 começou no Brasil um movimento de Inclusão, inspirado em modelos já adotados há dez anos nos Estados Unidos e as pessoas com deficiência se tornaram líderes desse movimento e assim começou-se a trabalhar pela Inclusão. Neste sentido, o autor ressalta a importância do protagonismo das pessoas com deficiência na luta pela sua própria causa, porque antes desse período, quem lutava pela inclusão era em sua maioria pessoas sem deficiência.

Depois de se descobrir o sentido real da Inclusão, a Integração passou a se tornar um modelo antigo e não utilizado, por ser um conceito oposto. Nas décadas 80 e 90 começou uma movimentação nacional forte no viés da Inclusão, tudo isso em concordância as declarações, cartas e orientações postuladas pela ONU e das agências especializadas, como UNESCO e UNICEF – unindo pensamentos do mundo inteiro. Porém os movimentos passaram a acontecer com audição as pessoas com deficiências, sem ponto de vista paternal.

Sasaki (2009) fala do seu movimento corporal em atendimento nas empresas, antes ele atendia às pessoas com deficiência do lado de trás do balcão, e depois, ele próprio alterou a sua postura corporal, sentando-se ao lado da pessoa com deficiência, olhando pequenos gestos, e as coisas pelo ponto de vista da pessoa que está sendo atendida.

Antes de tudo isso acontecer, imperava-se a segregação, ou seja, a exclusão total, as pessoas com deficiências eram relegadas a um lugar marginal da sociedade, sem ser ouvida, sem que sua existência fosse importante, principalmente as pessoas com deficiência intelectual eram consideradas como loucas e internadas em sanatórios, lembra o entrevistador Roberto

Rios (2017) . Havia muitos casos de pessoas com deficiência corporal, tinha seus corpos explorados em circos, como uma diversão para a sociedade.

Hoje, evoluímos muito neste sentido, está ocorrendo uma lapidação para que se consiga cada vez mais justiça para as pessoas deficientes, deixando afinadas muitas arestas que devem ser reparadas. Do ponto de vista quantitativo não avançamos suficientemente, mas já avançamos. Com o evento da crise, o que está acontecendo é um aumento na porcentagem de pessoas com deficiência contratados – mas e a qualidade? Como? - provoca Sasaki – de que maneira, com quais critérios as pessoas estão sendo inseridas? Há princípios, modelos, paradigmas que garantem a qualidade das contratações. O que deve haver é um real aproveitamento das capacidades dos contratados. Não há como pensar na quantidade, sem considerar a qualidade. A colocação em massa começou de fato de 1999 à 2000, me seguida à promulgação das leis de cotas. Começou-se a procura pela quantidade e há que se lapidar esses processos de contratação.

O Brasil está avançado na Tecnologia da Informação e Comunicação, em qualidade, mas ainda não em quantidade. Temos tecnologia de ponta, mas sem quantidade para atender às demandas as escolas, centros educativos e de lazer. Temos no país em torno de 23% da população brasileira portadora de algum tipo de deficiência, muito embora, segundo Sasaki, a metodologia de pesquisa do IBGE seja questionável.

Encontra-se no site do IBGE a seguinte informação: Para a parte do levantamento pesquisada por amostragem no Censo Demográfico 2010, foram aplicadas cinco frações de amostragem, considerando os tamanhos dos municípios em termos da população estimada em 1º de julho de 2009. Em especial, na definição da fração amostral para os municípios de

pequeno porte, buscou-se garantir o tamanho suficiente para divulgação dos resultados (IBGE, 2012).

Ao texto segue esta tabela:

Classes de tamanho da população dos municípios (habitantes)	Fração amostral de domicílios (%)	Número de municípios
<b>Total</b>	<b>11</b>	<b>(1) 5 565</b>
Até 2 500	50	260
Mais de 2 500 até 8 000	33	1 912
Mais de 8 000 até 20 000	20	1 749
Mais de 20 000 até 500 000	10	1 604
Mais de 500 000	5	40

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais e Coordenação de Métodos e Qualidade.

Nota: Cálculo com base nas estimativas de população residente para 1º de julho de 2009.

(1) Inclui o Distrito Estadual de Fernando de Noronha e o Distrito Federal.

Fonte: IBGE (2012)

Com estas informações é possível perceber que diversas residências são desconsideradas durante a pesquisa, ou seja, caso exista uma pessoa com deficiência entre um domicílio e outro (considerando o número de casas onde o pesquisador não chegou), este indivíduo com deficiência não será incluído no resultado geral da pesquisa.

Outro ponto importante que o entrevistador toca é na questão do assédio moral e o *bullying* nas empresas. Será que os funcionários das empresas, incluindo todos os cargos e hierarquias, está sendo devidamente preparada para acolher as pessoas deficientes? Este é problema, aponta Sasaki. Contratar por motivo de quantidade sem considerar outros fatores como um preparo adequado em todos os sentidos gera o problema do assédio moral, que consiste no despreparo da equipe para lidar com a pessoa com deficiência contratada. Há empresas premiadas por conseguir contratações com qualidade.

Antes as empresas não acreditavam nas capacidades dos profissionais com deficiência, mas já há um processo de mudança de concepção muito grande. Exemplos disso são as

iniciativas de empresas como a Natura, o Boticário e a Companhia de Bebidas das Américas - AMBEV.

Importante citar ainda instituições como o Instituto ETHOS, que em sua página na internet apresenta sua proposta como uma organização não-governamental criada com a missão de mobilizar, sensibilizar e ajudar as empresas a gerir seus negócios de forma socialmente responsável, tornando-as parceiras na construção de uma sociedade sustentável e justa (Instituto Ethos, 2017).

Em 2017 foi lançado por este Instituto o Guia Temático: Indicadores Ehos-REIS para inclusão da pessoa com deficiência. O objetivo é que este Guia, em parceria com a Rede Empresarial de Inclusão Social – REIS, composta por ONGs, instituições públicas e empresas, tenham esta ferramenta para diagnóstico, planejamento e gestão, com orientações para que as empresas evoluam em suas práticas e na gestão da diversidade. (Instituto Ethos, 2017).

Segundo Bianca Cesário, gestora de projetos do Instituto, “em 2015, 403,2 mil pessoas com deficiência atuaram formalmente no mercado de trabalho, segundo dados da relação anual das relações sociais - Rais 2015, divulgada pelo Ministério do Trabalho.” (Instituto Ethos, 2017).

Assim, embora existam avanços com relação a inclusão das pessoas com deficiência na academia e mercado de trabalho, ainda há barreiras a serem superadas, ressalta Sasaki (2009).

## **2.2 Barreiras para inclusão**

De acordo com o Censo do IBGE (2010), o número de pessoas com deficiência são mais de 45 milhões de brasileiros sendo que 19 milhões com deficiência visual e 7 milhões com deficiência motora e 5 milhões com deficiência auditiva e um milhão com deficiência intelectual e mental. A dificuldade para incluir as pessoas com deficiência na sociedade (escolas, ambientes de trabalho, lazer, etc.) está em superar as diferentes barreiras de acessibilidade.

Os acessos devem ser pensados sob a perspectiva de seis dimensões, que são: arquitetônica (sem barreiras físicas), comunicacional (sem barreiras na comunicação entre pessoas), metodológica (sem barreiras nos métodos e técnicas de lazer, trabalho, educação etc.),

instrumental (sem barreiras instrumentos, ferramentas, utensílios etc.), programática (sem barreiras embutidas em políticas públicas, legislações, normas etc.) e atitudinal (sem preconceitos, estereótipos, estigmas e discriminações nos comportamentos da sociedade para pessoas que têm deficiência). (SASSAKI, 2009, p. 9-10).

Dessa forma, o lazer, o trabalho e a educação, são pensados na perspectiva de rompimento de barreiras físicas na dimensão arquitetônica. Quando se pensa em lazer é necessário adaptar os acessos aos aeroportos, terminais rodoviários, espaços urbanos, hotéis e similares, museus, teatros, transportes coletivos, parques ecológicos, parques temáticos, locais de eventos, acampamentos etc.

Um exemplo de barreiras arquitetônicas no transporte aéreo é a ausência ou inadequação das orientações e informações na chegada ao aeroporto, principalmente para os deficientes visuais. Não existir um sistema de ajuda e acolhimento para deficientes visuais, não existir planos ou mapas sonoros ou táteis, não existir faixa de sinalização contrastante nos degraus das escadas. Se não tiver alguém auxiliando uma pessoa cega, é muito difícil a locomoção com autonomia e liberdade. As lanchonetes não possuírem cardápios atualizados em braile ou não existe disponibilidade nos aeroportos de profissionais especializados em inclusão e acessibilidade, são exemplos destas barreiras. Uma maneira de superá-las é prover tais espaços das adaptações e profissionais necessários.

Na Educação são exemplos de adequação de espaços nas escolas: a acessibilidade desde a área de estacionamento até os ambientes internos, como por exemplo rampa com largura de 80 cm, corrimão com altura adequadas. É recomendado que 1% das carteiras das escolas infantis seja especial para cadeirantes (a altura desses modelos deve ficar a 73 cm do piso). O mesmo tipo de móvel deve estar presente nas áreas de alimentação (refeitório e lanchonete),



para que o aluno consiga fazer suas refeições confortavelmente. Barras de transferência para sanitários e os adaptadores para utensílios e louças de cozinha (garfo, colher, copo, caneca). Mesmo construções mais antigas podem ser adaptadas com um bom projeto de reforma ou ampliação. O foco deve estar na adequação de diferentes espaços, desde a área de estacionamento até os ambientes internos (salas, pátios e corredores).

Também é preciso instalar guias rebaixadas na calçada defronte à entrada da escola, caminhos em superfície acessível por todo o espaço físico dentro da escola, portas largas em todas as salas e demais recintos, sanitários largos e torneiras acessíveis, boa iluminação, boa ventilação, correta localização de amplos corredores com faixas indicativas de alto contraste, elevadores, rampas no trajeto para o recinto entre prateleiras e estantes, as mesas e cadeiras e os equipamentos. (máquinas que apliam letras de livros, jornais e revistas, computadores etc). (SASSAKI, 2009)

Quando se pensa no trabalho é preciso se preocupar com o acesso fácil aos espaços físicos, sanitários adequados, meio de transporte acessível utilizados pelas empresas para os funcionários.

Já, na dimensão comunicacional, também é preciso realizar adequações no campo do lazer, trabalho e educação promover e incluir sinalizações dos locais, contratação de intérpretes de sinais, promoção total de acessibilidade nas relações interpessoais: face a face, língua de sinais, linguagem corporal, comunicação escrita adaptada para deficientes.

Metodologicamente, é preciso substituir as formas tradicionais que não levam em consideração as necessidades especiais de certas pessoas, isso no campo do lazer, do trabalho, com novos métodos e técnicas de trabalho, treinamento e desenvolvimento de recursos

humanos, e formas de execução de tarefas. Ensino e aplicação de 15 estilos de aprendizagem, teoria das inteligências múltiplas, materiais didáticos adequados. (SASSAKI, 2009)

Segundo a Constituição da República Federativa do Brasil, o ensino será ministrado com base nos princípios da “igualdade de condições para o acesso e permanência na escola” e da liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber (art.206, I e II), incluindo, portanto, o acesso às bibliotecas. Sistema que facilite aos usuários cegos e com deficiência física a busca de livros e outras matérias de leitura e pesquisa.

Na perspectiva instrumental é preciso adequar os aparelhos, equipamentos e ferramentas que fazem parte dos locais de lazer. Acesso total a instrumentos e utensílios tanto de trabalho e educação. Na dimensão programática é preciso eliminar as barreiras invisíveis existentes nos decretos leis regulamentos, normas, políticas públicas e outras peças escritas e na prática impedem ou dificultam a vida das pessoas deficientes no campo no lazer, e no trabalho e educação.

Na dimensão atitudinal barreiras preconceituosas a respeito de pessoas com deficiência no trabalho eliminando preconceitos, estereótipos e discriminação fazendo programas e práticas de sensibilização no campo da educação e também no trabalho.

De acordo com Sasaki a história das barreiras começa desde os anos cinquenta, com o evento de profissionais de reabilitação que passam a denunciar a existência de barreiras físicas nos espaços urbanos, edifícios e meios de transporte coletivos, os quais impendiam ou dificultavam a locomoção de pessoas com deficiência.

Nos anos sessenta, universidades americanas iniciaram a eliminação de barreiras arquitetônicas existentes em locais, como: estacionamentos, salas de aula, laboratórios, bibliotecas, lanchonetes etc.

Nos anos setenta, ainda segundo Sasaki (2009) surge no mundo o primeiro evento de vida independente, que acontece em Berkeley, Califórnia. Este acontecimento impulsiona o exercício da independência de tomadas de decisões e de processo de autonomia e funcionalidade de pessoas com deficiências. É formulada então uma declaração dos direitos das pessoas com deficiência. – “As pessoas com deficiências, qualquer que seja a origem, a natureza e a gravidade de suas deficiências tem os mesmos direitos fundamentais que seus concidadãos” (ONU,1975).

A década de oitenta (1981) foi considerada o período internacional das pessoas com deficiência, e carregou como lema a participação plena e igualitária das pessoas deficientes. Neste período iniciou-se campanhas mundiais para alertar a sociedade a respeito das barreiras arquitetônicas, no sentido de não exigir apenas a eliminação das barreiras, mas propostas de desenhos adaptáveis às condições dos deficientes, privilegiando projetos arquitetônicos que permitam uma real acessibilidade, tomando como base a Declaração de Cavee Hiil – de onde provem a conclamação de que “todas as barreiras que impeçam a igualdade de oportunidades devem ser removidas” (INTERNATIONAL, 1983).

Já no ano 90 acaba surgindo o conceito do desenho universal, de forma que os ambientes, os meios de transporte e os utensílios, a partir daí passam a ser projetados para todos, seguindo o conceito da acessibilidade para dimensões arquitetônicas, comunicacionais, atitudinais e outros.

Os países membros que se comprometeram com a Declaração de Cave Hill, definem, então, medidas para desenvolver padrões e diretrizes norteadas por leis garantidoras de acessibilidade. Os campos de atuação são variados, abrangendo as formas de moradia, projetos

de edifícios, serviços de transportes públicos e particulares, arruamentos e outros espaços externos.

Em 1993 a ONU publica a Carta para o Terceiro Milênio, com isso o século 20 demonstrou que, com inventividade e engenhosidade é possível estender o acesso a todos os recursos para a comunidade, tanto em ambientes físicos como sociais e culturais.

Já no século 21 passa-se a pensar em estender as formas de acesso, que permitam formas de inclusão mais plenas. Então, a luta pelo direito de ir se incorpora à defesa de todos os direitos humanos por meio da Convenção sobre os direitos das pessoas com deficiência, cujo tema é “Acessibilidade”. (SASSAKI, 2009).

Assim, as barreiras para a inclusão descritas por Sasaki (2009), bem como o processo histórico do seu desenvolvimento na sociedade brasileira servirão de base para análise das entrevistas a serem realizadas com profissionais que vivenciam esse processo na educação e no mercado de trabalho.

### **3 RELAÇÕES PÚBLICAS E INCLUSÃO DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA**

Este capítulo tem como objetivo compreender o papel das Relações Públicas para a inclusão das pessoas com deficiência a partir de uma pesquisa bibliográfica, em especial, nos estudos de Sueli Yngaunis (2019).

#### **3.2 Papel das Relações Públicas na inclusão de pessoas com deficiência**

Sueli Yngaunis (2019) tem reflexões em torno do crescimento significativo do número de pessoas com deficiência que, atualmente, entram tanto no mercado de trabalho quanto no ensino superior. Isto se deve a políticas afirmativas que tem reforçado a visão de gestores no sentido de abertura de vagas, contratações e de adequações no campo educacional.

Neste sentido apresenta-se nesta pesquisa iniciativas de empresas que se especializaram na contratação de pessoas com deficiência. Dentre estas, foram escolhidos os sites das seguintes empresas para comentar e ilustrar esta tendência de abertura de vagas. São elas: IncluirPCD, que consiste numa feira *online* de empregos para pessoas com deficiência que promove o encontro das pessoas com deficiência e as vagas ofertadas pelas empresas; PCD.com.br, plataforma de vagas para pessoas com deficiência em parceria com empresas; e VagasPCD, outra plataforma de busca por vagas no mercado de trabalho para pessoas com deficiência, reunindo empresas que ofertam tais vagas.

Entretanto, apesar da existência de empresas e plataformas especializadas na divulgação de vagas e contratação de pessoas com deficiência, que demonstram avanços significativos e que devem ser valorizados, ainda se observa inúmeras dificuldades de aproveitamento de habilidades de potenciais humanos, bem como apontou Yngaunis (2019).

A mencionada autora explica que este cenário de validação aquém do potencial da pessoa com deficiência é gerado por dois fatores: o primeiro se deve à ausência de experiências compartilhadas devido a um processo histórico de exclusão e de segregação, que minimizou as oportunidades de relacionamento social entre as pessoas com deficiência e seus parceiros de interação. O segundo fator se dá pelo número inexpressivo de pessoas com deficiência no mercado de trabalho.

Ou seja, a ausência de experiência na construção das relações entre pessoas com deficiências e pessoas sem deficiência é parte do problema porque trabalhar com colegas com deficiência é importante para a desconstrução de mitos que perpetuam preconceitos, desqualificando injustamente o profissional, gerados não somente pela falta de empatia, mas também pela falta de determinados conhecimentos que somente a experiência do convívio diário proporciona. Assim, de acordo Yngaunis (2019), existe um medo de entrar em contato com o novo que representa o desconhecido. Muitas vezes, a causa de afastamentos e da manutenção do preconceito se deve ao receio ante ao desconhecido.

Destaca-se aqui o papel das atividades de Relações Públicas que tem em sua essência o papel de humanizador dos relacionamentos, como destacou o primeiro estudioso sobre as Relações Públicas no Brasil, Cândido Teobaldo de Souza Andrade (apud DANTAS, 2016, p. 2).

Relações Públicas são a humanização das relações no campo dos negócios, consistindo num esforço para compreender a consciência e a sensibilidade do homem, em busca do interesse e da compreensão do público para os problemas de um cidadão, de um grupo ou de uma empresa.

Desta forma, este profissional pode contribuir para superar as barreiras da convivência com a diversidade, oportunizando os relacionamentos singulares entre os indivíduos. Yngaunis (2019), explica que quando a sociedade se organiza é possível ampliar e tornar plena a participação das pessoas com deficiência. Isso é possível que ações são colocadas em prática objetivando minimizar barreiras impeditivas em diversos campos: na educação, no trabalho e no entretenimento. A educação de uma sociedade inclusiva cria consciência de equidade, pois assegura condições diferentes para quem possui necessidades diferentes. Isto significa que tratar a todos como iguais somente reforça a desigualdade, uma vez que não cria oportunidades para uma vida pessoal e social plena.

A ausência de educação para a diversidade, com enfoque citado por Carvalho-Freitas (2007, p. 58 apud YNGAUNIS, 2019) traz inúmeras desvantagens para as organizações, como o aumento dos conflitos pessoais; problemas de comunicação entre trabalhadores de diversas culturas; queda de índices de satisfação e de comprometimento e aumento de níveis de rotatividade. Estes fatores apontam para a necessidade de as organizações desenvolverem habilidades na administração das diferenças e competências de gestão no que tange a questões ligadas à diversidade.

Importante destacar que o profissional de Relações Públicas utilizando-se de estratégias de comunicação também exerce o papel educativo quando contribui para a mudança de concepções e comportamentos no ambiente organizacional e na sociedade.

Desde que Ministério da Educação, em 1996, incluiu a exigência de que as instituições de ensino superior criassem um Núcleo de Acessibilidade. A função desses núcleos é a de administrar as questões de acessibilidade arquitetônica, metodológica e atitudinal, como um dos critérios para autorização, aprovação e reconhecimento de cursos. Existem, inclusive, comissões de visita *in loco* nas instituições de ensino que possuem o papel de orientar e fiscalizar as adaptações previstas nos instrumentos legais. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep)

A diversidade é considerada como um produto emergente de um processo histórico de classificação e atribuição de características que distingue pessoas, grupos, comunidades e sociedades e que ofereciam e oferecem a justificação para suas posições sociais diferenciadas (CARVALHO-FREITAS, 2007, p. 37, apud YNGAUNIS, 2019).

A autora relata que esta é uma perspectiva de um modelo social britânico que vê e classifica o conceito da deficiência utilizando dois termos: o primeiro é o “*impairment*” (biológico), que se relaciona ao tipo da deficiência do indivíduo e o segundo é o “*disability*”, que denomina a opressão social que desativa esse indivíduo em virtude da deficiência (*impairment*) que ele apresenta. Sob esta ótica, a compreensão da interferência da cultura, enquanto programação mental proposta por Hofstede, no processo de interação entre as pessoas com deficiência e as pessoas sem deficiência, é uma condição importante a ser considerada, quando se trata da inclusão de colaboradores com deficiência no ambiente organizacional. A transferência do foco do indivíduo para a sociedade mobiliza recursos e competências para promover a inserção de pessoas com deficiência na vida social e econômica, levando ao movimento de inclusão social, que tem como objetivo a garantia da condição de cidadão à pessoa com deficiência, que deve ter os seus direitos atendidos. (YNGAUNIS, 2019)

Retomando ao mapeamento dos sites que oferecem vagas para pessoas com deficiência encaminhando-os às empresas parceiras, pode-se afirmar que o cenário ainda é preocupante, em relação a inserção das Pessoas com Deficiência no mercado de trabalho. No acesso aos *sites*

citados (IncluiPCD, Vagas PCD e PCD.com.br), fazendo utilização deles como testagem, para a escrita deste capítulo, incluindo cadastro real de interesse pelas vagas, foi possível perceber algumas nuances em cada um deles.

A exposição aqui, sobre o que foi observado, não será específica, mas geral, e poderão se repetir em outros *sites*, não pesquisados. Por isso a decisão foi por generalizar as dificuldades e especificar as qualidades.

<b>Dificuldades</b>	<b>Qualidades</b>
Contato telefônico (não atende ou demora)	<i>Layout do site</i> e qualidade do conteúdo
<i>Site</i> não tem acessibilidades para todas as deficiências, apenas intérprete de Libras	Quantidade de vagas
Atendimento para surdos não consta	Interatividade do <i>site</i>

Fonte: autora a partir dos sites observados

Um primeiro obstáculo encontrado foi a dificuldade de comunicação por telefone, no momento em que a autora gostaria de saber se a empresa contava com um profissional de Relações Públicas.

Depois de algumas tentativas nos três *sites*, o tempo de espera foi considerável. Mesmo quando a empresa apresentava dois ou três estados para a disponibilidade de seus serviços, não foi possível falar com um representante em nenhum dos telefones disponíveis nas páginas. Isso aconteceu, inclusive, quando da identificação do cliente como empresa.

Com relação a acessibilidade dos sites, foi observado que nenhuma das empresas conta com atendimento específico para pessoas com deficiência auditiva / surdez<sup>1</sup>.

Segundo Stephen P. Robbins, pode-se afirmar que a existência destas iniciativas também vão ao encontro do que é estabelecido no âmbito legal do trabalho. A Lei 8213/91 (BRASIL, 1991), vigente desde 1991, dispõe sobre os Planos de Previdência Social, estabelecendo em seu artigo 93 cotas mínimas de contratação de pessoas com deficiência pelas

---

<sup>1</sup> As empresas podem disponibilizar para este atendimento um TS (telefone de surdos), que pode ser mais conhecido no Brasil por TDD, da sigla em inglês: Telephone Device for Deaf). Apesar do uso do telefone celular ter mais significado e ter ocupado maior tempo na comunicação das pessoas com surdez, o dispositivo ainda é utilizado na área empresarial.



empresas com cem ou mais funcionários. (apud Sueli, Stephen Robbins, 2005, Sueli Yngaunis 2019)

Portanto, a alteração das legislações são parte das políticas afirmativas que colaboram positivamente com a construção de novas relações, tanto em ambientes de trabalho, quanto em espaços acadêmicos, trazendo novos desafios para o campo da diversidade.

Para Yngaunis (2019) a contratação de pessoas com deficiência pelas organizações é procedimento administrativo de caráter compulsório, com o objetivo de atender ao disposto na lei de cotas, podendo não significar que o fenômeno da inclusão seja efetivo, uma vez que é resultado de uma coerção normativa. Assim, por meio de políticas e ações afirmativas empreende-se esforços para corrigir injustiças sociais e reverter um quadro de desigualdade.

Por fim, nas palavras de Sueli Yngaunis (2011, p. 103), “para que essa inclusão aconteça, é necessário promover direitos que questionem estereótipos culturais vigentes e que incorporem os deficientes em espaços públicos de discussão de seus problemas”.

Neste sentido, a pesquisa aplicada deste trabalho buscará ouvir profissionais de Relações Públicas com deficiência que são protagonistas e sujeitos ativos na construção da inclusão na vida acadêmica, mercadológica e no campo da comunicação social.

## 4 PESQUISA APLICADA

Este capítulo apresenta a metodologia e análise das entrevistas realizadas com os profissionais de Relações Públicas com deficiência a partir dos conceitos estudados nos capítulos teóricos.

### 4.1 Procedimentos metodológicos

Foi realizada uma pesquisa qualitativa por meio de entrevistas em profundidade com quatro profissionais de Relações Públicas, visando conhecer sua história de vida e as barreiras que enfrentaram para a inclusão na academia e mercado de trabalho.

As entrevistadas foram realizadas virtualmente, via plataforma Zoom, utilizando-se de um roteiro contemplando perguntas sobre: a) perfil do entrevistado; b) ensino superior; c) mercado de trabalho e d) sonho e profissão de Relações Públicas (Apêndice 01).

As entrevistas foram realizadas no período de agosto a outubro de 2021.

No Quadro 01 observa-se o perfil dos entrevistados:

Nome	Local nascimento	Idade	Deficiência
K.M. (Apêndice 3)	São Paulo/SP	24	Deficiência intelectual
L.C. (Apêndice 4)	Belo Horizonte/ MG	28	Síndrome de Down
L.P. (Apêndice 5)	São Paulo/ SP	24	Deficiência física
S.Y. (Apêndice 6)	São Paulo/ SP	59	Deficiência auditiva e baixa visão

Fonte: elaboração própria

No Quadro 01, observa-se que três entrevistadas são do Estado de São Paulo, sendo apenas uma entrevistada do Estado de Minas Gerais. Destaca-se que a pesquisadora realizou a busca por profissionais de Relações Públicas por meio da internet, bem como contatando professores do curso de Relações Públicas e redes sociais a exemplo do *Instagram* e *Linkedeem*. Os resultados foram escassos, o que pode indicar que ainda existem poucos profissionais de Relações Públicas com deficiência na academia e mercado de trabalho. Relevante mencionar que apenas uma das entrevistadas tem idade superior a 50 anos, sendo que sua história de vida revelou as maiores dificuldades enfrentadas, afinal vivenciou os três movimentos indicados por Sasaki, ou seja, a segregação, a integração e a inclusão. Ressalta-se também que a amostra dos entrevistados contemplou diferentes deficiências, quais sejam: deficiência intelectual, deficiência física, deficiência auditiva e baixa visão.

#### 4.2 Análise e discussão dos resultados

Além do perfil, foi possível conhecer a trajetória de vida, acadêmica e profissional de cada entrevistado. Por isso, seguem as informações referentes a cada indivíduo, baseado no quadro acima.

Quadro 02: Trajetória de vida de cada entrevistado:

Nome	Vida familiar	Vida Acadêmica	Vida profissional
K.M.	Levou algum tempo até o diagnóstico. Antes foi diagnosticada com Dislexia. Alguns da família ainda têm preconceito e outros não têm paciência.	Durante o período escolar sofreu bullying, apresentou dificuldades para o aprendizado, os pais precisavam estar presentes constantemente à escola para conscientizar pais, alunos, direção e professores. Na universidade foi acolhida pelos professores, mas alguns alunos não tinham paciência.	Ainda não ingressou no mercado de trabalho, mas já realizou estágio numa agência de relações públicas no ambiente da universidade onde estuda. A coordenadora do curso prestou apoio e os colegas foram muito receptivos.
L.C.	Foi percebida ao nascer com a síndrome. A família reagiu bem ao diagnóstico médico e durante sua vida sempre recebeu apoio familiar.	Durante sua vida escolar sentiu-se acolhida e não sofreu preconceito, segundo seu próprio relato. Na universidade contou com o apoio dos professores e dos colegas.	Foi convidada a trabalhar na empresa e recebeu suporte de seus empregadores. Está atuando na internet com Inclusão.

L.P.	Obteve o diagnóstico ao nascer. Os pais sofriam consideravelmente por causa das dores que LP sentia. Considera que no seio familiar havia capacitismo.	Tanto na escola quanto na universidade, não houve acessibilidade e os pais precisaram intervir várias vezes para que ela fosse incluída. Na faculdade alguns professores a denominavam de terrorista e desajeitada.	Teve bastante dificuldades relativas à acessibilidade, mas apoio dos colegas. Hoje está trabalhando em sua residência como geradora de conteúdo.
S.Y.	Os pais descobriram a deficiência nos anos 1960. Época em que poucas questões referentes à inclusão eram defendidas. Além disso, seus pais não tinham recursos para compra de aparelhos e tratamentos adequados.	Não tem muitas lembranças do período da escola. Não tinha muitos amigos e se sentia excluída. Era considerada a mais “feinha” da sala, por causa de uma cirurgia na face.	Foi convidada por um professor, para lecionar no curso de Relações Públicas e entendeu a necessidade de especialização. Com o tempo tornou-se coordenadora do núcleo de acessibilidade em outra universidade. Atuando no núcleo até o momento.

Fonte: elaboração própria.

No Quadro 02, com relação a vida familiar, todas as entrevistadas afirmaram ter apoio da família, contudo, a entrevistada S.Y destacou que quando criança cogitou-se o seu encaminhamento para uma instituição especializada, sobretudo diante da dificuldade de aceitação social e recursos para prover tratamento e aparelhos adequados. Quanto a vida acadêmica, todas as entrevistadas afirmaram que optaram a princípio pela formação na área de saúde, porém, diante das dificuldades acadêmicas e afinidades pessoais com o curso, decidiram pela graduação em Relações Públicas. K. M destacou as barreiras atitudinais na época da escola, onde sofreu *bullying*. L.P não tinha acessibilidade arquitetônica tanto na escola e na faculdade alguns professores chamavam ela de descompensada e terrorista. L.C durante a escola sempre foi acolhida e na faculdade também. Com relação ao mercado de trabalho K.M ainda não ingressou no mercado de trabalho mas fez estágio na própria agência da Universidade de Sorcaba onde estuda e onde se sentiu muito realizada e no local de trabalho sua coordenadora prestou apoio e seus amigos acolhedores. L.C foi convidada para trabalhar na empresa recebe um suporte dentro da organização e tem um site que aborda a inclusão. A L.P teve muitas dificuldades na empresa na questão de acessibilidade arquitetônica mas teve um apoio grande dos seus colegas e atualmente está na sua residência como geradora de conteúdo. S.Y foi convidada por um professor para lecionar o curso de relações públicas compreendeu a necessidade de uma especialização com o tempo torna-se coordenadora do núcleo de acessibilidade até o momento.

Por fim, os profissionais relataram seus sonhos, bem como o papel das Relações Públicas para inclusão da pessoa com deficiência no mercado de trabalho e na Sociedade.

**Quadro 3: Contribuição das Relações Públicas, sonho e Mensagem para futuros relações públicas**

Nome	Contribuição das Relações Públicas para inclusão	Sonho	Mensagem para futuros relações-públicas
K.M.	O profissional de relações públicas tem a chance de acolher e aproveitar habilidades das pessoas deficientes transformando vidas.	Ter o próprio negócio na área da inclusão, com o objetivo de ajudar pessoas excluídas da sociedade. A realização profissional é o meu sonho.	Deficiência não é sinônimo de incapacidade. Profissionais de relações públicas atuam em uma área de humanização, tornando mais fácil as relações entre as pessoas. Tratamos diretamente com o público, portanto a mensagem que eu deixo é que não se sintam incapazes.
L.C.	Conscientizando da sociedade	Meu maior sonho é o de dar as mesmas oportunidades para todas as pessoas.	Sigam em frente, batalhem e lutem. Derrubem as barreiras que encontrarem no caminho. Vocês conseguirão.
L.P.	Entender antes de qualquer coisa que o profissional de relações públicas precisa conhecer a importância da acessibilidade em todo o canto. Tem que ser um valor, não tem como falar de acessibilidade e inclusão como se não fosse um valor que pode ser desenvolvido de outras formas.	Não sou uma pessoa que projeta sonhos, não consigo fazer isso. Tenho grandes dificuldades com muito sonhos. Isto se deve à falta de representatividade das pessoas com deficiência. É legal ser a pioneira, mas é bem difícil ter sonhos. Meu sonho é ser uma pessoa que passa imagem de representatividade, mesmo sabendo que é difícil. Eu sonho com uma sociedade muito melhor. Pensar em ações que podem ser transformadoras, por menor que sejam. O meu sonho é fazer a diferença. Não quero vencer sozinha, meu sonho não é individual, e sim coletivo.	Cursem, pode não ser fácil, pode ser que vocês se encantem e pode começar a fazer o curso e perceber depois que não era o que desejavam, e tudo bem. É tudo bem começar e desistir de algo, não há problema. Recomece e tente de novo. O importante é que seja verdadeiro, pode ser transformador. Não importa o curso, o importante é que você faça parte de uma transformação de uma sociedade melhor

S.Y.	<p>Adorei essa pergunta. Vocês que irão se formar em relações públicas não podem achar que incluir pessoas com deficiência é convencer o público interno. Aceitar a pessoa com deficiência deve ser porque todo cidadão é socialmente responsável, não somente porque tem que cumprir a cota. É desconstruir a ideia de que alguém que contrata uma pessoa com deficiência é boazinha, que terá garantida uma vaga no céu, não é isso. Tem que ser uma coisa natural, não vamos trabalhar campanhas assistencialistas, campanhas de sensibilização e conscientização. Vamos criar oportunidades para eles se encontrarem, e se conhecerem, o resto eles resolvem sozinhos. Acho fundamental criar empatia entre diversos públicos estratégicos. É muito importante desenvolver empatia no sentido de as pessoas se colocarem no lugar no lugar do outro.</p>	<p>Nossa senhora! Meu sonho é ver mais pessoas com deficiência em cargos de gestão, que elas sejam promovidas. E queria que a taxa de contratação de pessoas com deficiência subisse pelo menos 5%. Eu ficaria muito feliz. E que tenha anúncios em jornais: Contrata-se PCD. Se o candidato for PCD, que ele possa ser considerado porque você não contrata o PCD, mas sim o profissional. Por exemplo, eu estou contratando a Karolína como relações públicas e não a deficiência que ela tem. Estou contratando o Pedro engenheiro e não a cadeira de rodas dele para cumprir cotas. Então, o meu maior sonho é que a deficiência seja apenas uma característica, assim como eu sou loira de olhos verdes, alta, poderia ser cadeirante. Ser cadeirante é uma característica, eu tenho deficiência auditiva, é uma característica minha. O meu maior sonho é aumentar essa taxa de contratação e ver pessoas com deficiência em cargos de gestão, isso pode fazer toda a diferença na sociedade.</p>	<p>Primeira coisa, não deixar o outro te rotular. Não deixem, acreditem em vocês. O seu potencial não se desenvolve se o outro confia em você ou não. Isso nós descobrimos dentro de nós mesmos. E a profissão de relações públicas vai empoderar vocês em torno do conhecimento sobre o comportamento humano, isso faz toda a diferença. No desenvolvimento de estratégias, na hora de elaborar um plano de comunicação de uma abordagem correta. E o instrumento de relações públicas não pode ser usado apenas como um instrumento operacional. Tem que chegar no coração das pessoas. Quando falo em coração, parece que não combina muito com área organizacional, mas existe uma linha nova que pode ser pesquisada, que se chama empresas humanizadas. Empresas estão trabalhando com amor, coração, sentimento. A gente não é o sistema, nós fazemos parte dele. Mas, se a gente muda mudamos o sistema. Não tenham pressa de colher frutos em relações públicas, há instrumentos para vocês trabalharem o sentimento e o coração. Confiam em vocês!</p>

Fonte: elaboração própria.

No Quadro 3, acima, podemos analisar que para K.M o profissional de relações públicas tem a chance de contribuir e acolher, de aproveitar as habilidades das pessoas deficientes. Para L.C este profissional tem o papel de consentizar a sociedade. Para L.P, antes

de qualquer coisa, o profissional de relações públicas precisa comhecer a importância da acessibilidade e inclusão como se fosse um valor que não pode ser desenvolvido de outras formas. Com relação aos sonhos, podemos verificar que K.M quer ter o próprio negocio na area de inclusão, com objetivo de ajudar pessoas excluidas da sociedade transformando-a. A realização profissional é seu sonho. Para L.C o maior sonho é o de dar as mesmas oportunidades para todas as pessoas. Entretanto, L.P não é uma pessoa que projeta sonhos, não consegue fazer isso por falta de representatividade das pessoas com deficiência. Acredita ser bom ser pioneira mas afirma ser difícil ter sonhos além do sonho de ser uma pessoa de representatividade, mesmo sabendo ser difícil uma sociedade muito melhor do que a que ora conhecemos. Afirma ainda ser necessário pensar nas ações transformadoras mesmo que estas possam parecer menores. O sonho, de fato, é fazer diferença e não vencer sozinha, não é individual, mas coletivo.

S.Y. gostaria de ver mais pessoas com deficiência em cargos de gestão e que elas sejam promovidas. Que o potencial de taxa de contratação aumentasse 5%, que existam anúncios em jornais para contratação de PCD e que, sendo o candidato pessoa com deficiência, ele seja contratado pela profissão exercida, não pela deficiência.

O exemplo que S.Y. usa é o de estar contratado Karolina como relações públicas e Pedro, engenheiro, não pela deficiência de ambos ou pela cadeira de rodas dele, para cumprir a lei de cotas. Deseja que ter deficiência seja apenas uma característica. Cita a si mesma como pessoa com deficiência auditiva, sua característica. Para ela aumentar a taxa de contratação de pessoas com deficiência, bem como estarem pessoas com deficiência em cargos gestores, pode efetivamente fazer a diferença na sociedade.

Com relação a mensagem para pessoas que pretendam cursar relações públicas, K.M. acredita que deficiência não é sinônimo de incapacidade. Profissionais de Relações Públicas atuam em uma área da humanização tornando mais fácil as relações entre pessoas, diretamente com o público, então pede que não sintam incapazes.

A mensagem de L.C é que sigam em frente, derrubem as barreiras que encontrarem no caminho, vocês vão conseguir. Que cursem porque embora não seja fácil, pode trazer encantamento. Caso contrário, desistir não é um problema, recomece. Para ela o importante é ser verdadeiro e transformador não importando o curso, mas que a pessoa faça parte da transformação para uma sociedade melhor.

S.Y. afirma que a primeira coisa é não se rotular, não deixar de acreditar em si mesmo, uma vez que o potencial de cada pessoa se desenvolve nela mesma, não no outro. Conclui que profissão de relações públicas vai empoderar o indivíduo em torno do conhecimento do

comportamento humano, que isso faz toda a diferença no desenvolvimento de estratégias, no momento de elaborar um plano de comunicação com uma abordagem correta, instrumento de relações públicas, que não pode ser usado apenas como um instrumento operacional. Precisa chegar no coração, pode não combinar com área organizacional mas existe uma linha nova: as empresas humanizadas, que estão trabalhando com o coração. Fazemos parte do sistema, se mudamos, mudamos o sistema. E para finalizar, não ter pressa de colher os frutos em relações públicas há instrumento para o trabalho.



## CONCLUSÃO

O objetivo deste trabalho foi conhecer e registrar histórias de profissionais de relações públicas com deficiência identificando as barreiras e possibilidades para a inclusão na academia e no mercado de trabalho.

Verificou-se que o processo de inclusão é uma construção histórica, que perpassa pelos movimentos de segregação, integração até busca pela mudança da sociedade para possibilitar que todas as pessoas com ou sem deficiência participem da vida social, incluindo educação, trabalho, lazer, transporte, entre outros.

A partir de Romeu Sasaki, constatou-se que existem diferentes barreiras para a inclusão das pessoas com deficiência, sendo elas arquitetônica, atitudinal, comunicacional, instrumental, programática e metodológica, sendo a mais difícil de ser rompida a atitudinal porque depende dos indivíduos que precisam ter mais conhecimento e empatia para superar os preconceitos e estereótipos.

O estudo do trabalho de Yngaunis (2019) mostrou que é necessária a participação das pessoas com deficiência na construção de políticas e ações para sua própria inclusão, especificamente, a necessidade de uma educação para a diversidade que contribua para a efetiva inclusão no mercado de trabalho. Nesse sentido, destacou-se o papel do profissional de Relações Públicas para a inclusão das pessoas com deficiência nas organizações.

Na pesquisa aplicada, em síntese, verificou-se as barreiras ainda são presentes no cotidiano das entrevistadas, sendo a arquitetônica mais significativa para L.P. que tem deficiência física; programática para L.C que tem deficiência intelectual; atitudinal para S.Y. que tem deficiência auditiva e visual e comunicacional para K.M. que tem deficiência

intelectual e destacou a dificuldade com a comunicação escrita. Além disso, todas as entrevistadas, exceto L.C., destacaram a barreira atitudinal como a mais difícil a ser rompida. Verificou-se também que nenhuma das entrevistadas tinha como primeira opção a área de RP; Todas ficaram satisfeitas com a área de RP, sendo que L.P. destaca o papel educativo de RP e S.Y. o papel social do profissional de RP para a inclusão nas organizações “Inclusão não é convidar para ir no baile e sim para dançar” e “contrata-se um profissional pela sua capacidade e não pela sua deficiência” – S.Y. que nenhuma das entrevistadas tinha como primeira opção a área de Relações Públicas, porém todas ficaram satisfeitas com a área, sendo que L.P. destacou o papel educativo da profissão e S.Y. o papel social do profissional de Relações Públicas para a inclusão nas organizações. Segundo a entrevistada “Inclusão não é convidar para ir no baile e sim para dançar” e “contrata-se um profissional pela sua capacidade e não pela sua deficiência”.

Considerando que os estudos da entrevistada S.Y. também foi utilizado como referencial teórico desta pesquisa, verificou-se a semelhança nas concepções apresentadas, sendo que seu relato de vida demonstram que as dificuldades que superou lhe concederam propriedade e determinação para a construção de sua trajetória acadêmica e profissional.

Como limitações da construção desta monografia, destaca-se as dificuldades da autora do trabalho na estruturação e redação acadêmica do texto, que contou com apoio para organizá-lo e redigi-lo, ou seja, para superar as barreiras comunicacionais e programáticas. Além disso, a revisão de literatura também pode ser ampliada em futuros estudos, utilizando-se de outros autores do campo da inclusão e das Relações Públicas. Outro desafio na construção do trabalho, foi encontrar profissionais formados em Relações Públicas com deficiência, o que pode ser reflexo da não inclusão destas pessoas na academia e no mercado de trabalho, mostrando que as barreiras para inclusão ainda precisam ser superadas.

Por fim, este trabalho buscou mostrar trajetórias de vida de relações-públicas com deficiência que, mesmo com as barreiras, conseguiram concluir o curso de graduação e estão inseridos no mercado de trabalho. Mostrou ainda que as Relações Públicas demonstraram-se, de maneira geral, uma profissão acolhedora para as pesquisadas, destacando seu diferencial humanizador.



## REFERÊNCIAS

CENSO DEMOGRÁFICO: **características gerais da população, religião e pessoas com deficiência.** Rio de Janeiro: Ministério do Planejamento. Orçamento e Gestão, 2012. Disponível em: [chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/viewer.html?pdfurl=https%3A%2F%2Fbiblioteca.ibge.gov.br%2Fvisualizacao%2Fperiodicos%2F94%2Fcd\\_2010\\_religiao\\_deficiencia.pdf&chunk=true](chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/viewer.html?pdfurl=https%3A%2F%2Fbiblioteca.ibge.gov.br%2Fvisualizacao%2Fperiodicos%2F94%2Fcd_2010_religiao_deficiencia.pdf&chunk=true). Acesso em: 01 out. 2021.

DANTAS, José Guibson Delgado. **O que é, afinal, Relações Públicas?** Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Curitiba - PR – 26 a 28/05/2016. Disponível em <https://www.portalintercom.org.br/anais/sul2016/resumos/R50-0627-1.pdf> Acesso em 19/11/2021.

DISABLED PEOPLES’ INTERNATIONAL. **Declaração de Cave Hill. Cave Hill, 1983.**

<https://querobolsa.com.br/revista/numero-de-estudantes-com-deficiencia-cresce-no-ensino-superior-mas-permanencia-esbarra-na-falta-de-acessibilidade>. Acesso em: 19 Ago 2021.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010. Disponível em: <https://cnae.ibge.gov.br/en/component/content/article/95-7a12/7a12-vamos-conhecer-o-brasil/nosso-povo/16066-pessoas-com-deficiencia.html>). Acesso em 01 out. 2021.

INSTITUTO ETHOS. Disponível em: <https://www.ethos.org.br/conteudo/sobre-o-instituto/> Acesso em: 01 out. 2021

MURÇA, Giovana. **Número de estudantes com deficiência cresce no Ensino Superior, mas permanência esbarra na falta de acessibilidade**, 27/08/2020. Disponível em <https://querobolsa.com.br/revista/numero-de-estudantes-com-deficiencia-cresce-no-ensino-superior-mas-permanencia-esbarra-na-falta-de-acessibilidade> Acesso em: 19 de ago. 21

QUERO BOLSA. **Número de estudantes com deficiência cresce no ensino superior mas permanência esbarra na falta de acessibilidade**, 27 Ago 2020. Site: Revista Quero

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos**. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusivo – 7 dimensões da acessibilidade – Parte 2/2** [Entrevista cedida a] Roberto Rios. TV Câmara São Paulo, 26/05/2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=H06ibkQ5Dec>. Acesso 02 set. 2021.

\_\_\_\_\_. Entrevista com Romeu Sasaki. **Diversidade: Inclusão e Integração**. [Entrevista cedida a] Roberto Rios. TV Câmara, 27/06/2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=H06ibkQ5Dec>. Acesso 02 set. 2021.

\_\_\_\_\_. **Inclusão: acessibilidade no lazer, trabalho e educação**. Revista Nacional de Reabilitação (Reação), São Paulo, Ano XII, mar./abr. 2009, p. 10-16.

YNGAUNIS, Sueli. **Uma breve reflexão sobre o ambiente organizacional como um espaço de desconstrução de barreiras para inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho**. In: LEMOS, Else; SALVATORI, Patrícia. Comunicação, **diversidades e organizações: pensamento e ação** [recurso eletrônico]. São Paulo: Abrapcorp, 2019. p. 65-75. Acesso 01 out. 2021.

## **APÊNDICE 1 – ROTEIRO DA ENTREVISTA**

### **A - IDENTIFICAÇÃO**

- 1) Qual é seu nome completo?
- 2) Onde você nasceu?
- 3) Em que ano você nasceu?
- 4) Você tem deficiência?
- 5) Se sim, qual?
- 6) Como sua família reage a sua deficiência?

### **B – ENSINO SUPERIOR**

- 1) Qual é a sua formação?
- 2) Onde você se formou?
- 3) Em que ano concluiu a graduação?
- 4) Por que você escolheu a graduação em Relações Públicas?
- 5) Você lembra como foram seus anos na faculdade? Poderia descrever como eram os seus colegas de classe e professores?
- 6) Algum professor ou/e colega foi mais marcante para você? Por quê?
- 7) Você lembra algum momento ou trabalho marcante durante a faculdade? Qual foi? Por que ele foi marcante para você?
- 8) Quais foram as principais dificuldades que você teve durante a faculdade?
- 9) Você já se sentiu ou se discriminado na faculdade? Se sim, pode contar um pouco sobre essa experiência.
- 10) Quais eram suas principais expectativas na faculdade? Elas foram satisfeitas?
- 11) Você se sente realizado com a profissão que escolheu?

### **C – MERCADO DE TRABALHO**

- 1) Você trabalha?
- 2) Se não, por quê?

- 3) Quais são suas perspectivas de trabalho? Quais atividades profissionais quer realizar?
- 4) Você tem alguma insegurança ou medo de ingressar no mercado de trabalho? Se sim, quais são?
- 5) Se sim, quando começou a trabalhar?
- 6) Onde você trabalha?
- 7) Qual cargo ocupa?
- 8) Quais atividades profissionais você exerce?
- 9) Teve dificuldades para conseguir um emprego e para se adaptar a ele?
- 10) Como é seu relacionamento com os colegas de trabalho?
- 11) A empresa lhe dá o suporte que você precisa? Se sim, que tipo de suporte?
- 12) Quais as principais dificuldades no trabalho? Como tem superado?
- 13) Você se sente realizado no seu trabalho?
- 14) Você se sente incluído onde você trabalha?
- 15) Quais fatores tem facilitado esse processo de inclusão?
- 16) Quais fatores têm dificultado esse processo de inclusão?

#### **D – SONHO E A PROFISSÃO DE RELAÇÕES PÚBLICAS**

- 1) Para você, como os profissionais de relações públicas podem contribuir para a inclusão das pessoas com deficiência no mercado de trabalho e na sociedade?
- 2) Qual é o seu maior sonho?
- 3) Que mensagem você deixa para as pessoas com deficiência que querem cursar relações públicas?

## APÊNDICE 2 – TERMOS DE CONSENTIMENTO DE ENTREVISTAS

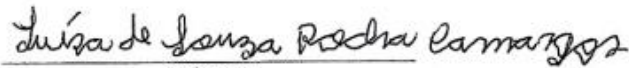


### TERMO DE CONSENTIMENTO E AUTORIZAÇÃO

Eu (preencher com nome completo do(a) entrevistado(a)), abaixo assinado(a), concordo em participar e autorizo KAROLINA MONTEIRO DE SOUZA, estudante do CURSO DE RELAÇÕES PÚBLICAS DA UNIVERSIDADE DE SOROCABA, a utilizar as informações por mim prestadas, bem como as imagens captadas em audiovisual durante a entrevista, para a elaboração de seu Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título **“Relações Públicas e inclusão: relatos de vida de profissionais com deficiência ou que lutam pela causa”** e está sendo orientado pela Profª. Dra. Ana Cristina da Costa Piletti Grohs.

**Todas as informações oferecidas durante a entrevista serão utilizadas para fins acadêmicos e científicos.**

Sorocaba, 23 de agosto de 2021.

  
Assinatura






### TERMO DE CONSENTIMENTO E AUTORIZAÇÃO

Eu, LETICIA PINTO GUILHERME, abaixo assinado(a), concordo em participar e autorizo KAROLINA MONTEIRO DE SOUZA, estudante do CURSO DE RELAÇÕES PÚBLICAS DA UNIVERSIDADE DE SOROCABA, a utilizar as informações por mim prestadas, bem como as imagens captadas em audiovisual durante a entrevista, para a elaboração de seu Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título **“Relações Públicas e inclusão: relatos de vida de profissionais com deficiência ou que lutam pela causa”** e está sendo orientado pela Profa. Dra. Ana Cristina da Costa Piletti Grohs.

**Todas as informações oferecidas durante a entrevista serão utilizadas para fins acadêmicos e científicos.**

Sorocaba, 20 de setembro de 2021.

  
Assinatura



### TERMO DE CONSENTIMENTO E AUTORIZAÇÃO

Eu (preencher com nome completo do(a) entrevistado(a)), abaixo assinado(a), concordo em participar e autorizo KAROLINA MONTEIRO DE SOUZA, estudante do CURSO DE RELAÇÕES PÚBLICAS DA UNIVERSIDADE DE SOROCABA, a utilizar as informações por mim prestadas, bem como as imagens captadas em audiovisual durante a entrevista, para a elaboração de seu Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título **“Relações Públicas e inclusão: relatos de vida de profissionais com deficiência ou que lutam pela causa”** e está sendo orientado pela Profa. Dra. Ana Cristina da Costa Piletti Grohs.

Todas as informações oferecidas durante a entrevista serão utilizadas para fins acadêmicos e científicos.

Sorocaba, 4 de outubro de 2021.

  
Assinatura

### **APÊNDICE 3 – Entrevista Karolina Monteiro**

Transcrição da Entrevista número 1.

Data entrevista: 18/08/2021

Meio da qual foi a entrevista foi realizada: presencial.

#### **A - IDENTIFICAÇÃO**

Entrevistada: Karolina Monteiro de Souza

Entrevistadora: Kamilla Monteiro de Souza

Kamilla: Qual o seu nome?

Karolina Eu me chamo: Karolina Monteiro de Souza.

Kamilla: Onde você nasceu?

Karolina: Eu nasci na cidade de São Paulo.

Kamilla: Em que ano você nasceu?

Karolina: Nasci no ano de 1997.

Kamilla: E você tem deficiência?

Karolina: Tenho.

Kamilla: Qual?

Karolina: Deficiência intelectual leve.

Kamilla: Como sua família reage com a sua deficiência?

Karolina: Minha família me apoia bastante, falta um pouco de paciência e empatia em algumas pessoas. Ainda tem preconceito.

## **B- ENSINO SUPERIOR**

Kamilla: Qual é a sua formação?

Karolina: Eu sou estudante do curso de relações públicas, do oitavo semestre.

Kamilla: Onde você está cursando?

Karolina: Estou cursando na Uniso - Universidade de Sorocaba.

Kamilla: Em que ano você irá concluir a graduação?

Karolina: Irei concluir minha graduação no final do ano de 2022.

Kamilla: Por que você escolheu a graduação em Relações Públicas?

Karolina: Por ter me identificado com o curso, e por ter me encontrado.

Kamilla: Como estão sendo seus anos na faculdade?

Karolina: Desafiadores e gratificantes.

Kamilla: Poderia descrever como são seus colegas de classe e professores?

Karolina: Meus colegas de classe, não tenho o que descrever sobre eles. Meus professores me apoiam e me ajudam bastante.

Kamilla: Algum professor e ou colega foi marcante para você? Por quê?

Karolina: Colega para mim foi a Caroline Oliveira, por ter me ajudado em uma questão. E professor foi a Mércia Segalla, por sempre estar me ajudando e me apoiando.

Kamilla: Você lembra de algum momento ou trabalho marcante durante a faculdade, qual foi? E por que ele foi tão marcante para você?

Karolina: Um momento marcante para mim foi o prêmio “Maria Aparecida”, que eu ganhei como aluna destaque do período noturno. E outro episódio que me marcou muito foi o trabalho de estágio na Agência Experimental de Relações Públicas da Uniso.

Kamilla: Quais são as principais dificuldades que você enfrenta durante a faculdade?

Karolina: Aprendizado e socialização.

Observação: acréscimo do conteúdo da entrevista – A minha principal dificuldade é com a produção e expressão escrita. Para isso, preciso sempre contar com o suporte da minha professora de Língua Portuguesa, que é a pessoa que me ajuda a corrigir os meus textos.

Kamilla: Você já sentiu ou foi discriminada na faculdade?

Karolina: Já fui discriminada, sim.

Kamilla: Você pode contar um pouco sobre essa experiência

Karolina: Já fui discriminada e senti o preconceito. Tive, e ainda tenho dificuldade para me encaixar e ser aceita em trabalhos em grupo. Também é difícil encontrar colegas da faculdade para conversar e fazer amizades. E já aconteceu de um professor não entender muito da minha deficiência, e achar que eu tinha preguiça de estudar, sugerindo que eu não queria fazer as tarefas.

Kamilla: Quais eram suas principais expectativas na faculdade? Elas foram satisfeitas?

Karolina: Utilizar meus dons em um curso, foram satisfeitas sim.

Kamilla: Você se sente realizada com a profissão que escolheu?

Karolina: Sim, sinto-me muito realizada.

### **C- MERCADO TRABALHO**

Kamilla: Você trabalha?

Karolina: Não, não trabalho.

Kamilla: Por quê?

Karolina: Porque eu acho que eu não vou conseguir e, por isso, não procurei emprego, por motivo de insegurança. E acho que não vou conseguir trabalhar e estudar ao mesmo tempo.

### **D-SONHO E A PROFISSÃO DE RELAÇÕES PÚBLICAS**

Kamilla: Quais são as suas perspectivas de trabalho? Quais atividades profissionais que quer realizar?

Karolina: Minhas perspectivas de trabalho são trabalhar em uma grande empresa, como relações públicas na área de inclusão.

Kamilla: Você tem alguma insegurança ou medo de ingressar no mercado de trabalho? Se sim quais são?

Karolina: Sim, carrego medos e insegurança e preciso lidar com esses sentimentos todos dias.

Kamilla: Para você, como os profissionais de relações públicas podem contribuir para a inclusão de pessoas com deficiência, no mercado de trabalho e na sociedade?

Karolina: Como relações públicas, temos a possibilidade de acolher e aproveitar as habilidades das pessoas deficientes, da melhor forma, transformando vidas.

Kamilla: Qual o seu maior sonho?

Karolina: meu maior sonho é ter o meu próprio negócio na área de inclusão. Para que eu possa ajudar pessoas excluídas da sociedade, e com isso me realizar profissionalmente.

Kamilla: Que mensagem você deixa para pessoas com deficiência que querem cursar relações públicas?

Karolina: Deficiência não é sinônimo de incapacidade. Nós, profissionais de relações públicas, estamos em uma área de humanização, o que torna mais fácil ajudar as pessoas, pois tratamos direto com o público. Então, esta é a mensagem que eu deixo para as pessoas que desejam cursar relações públicas, que não se sintam incapazes.

## **APÊNDICE 4 – Entrevista Luisa Camargos**

Transcrição da Entrevista número 2.

Data entrevista: 23/08/2021

Meio pelo qual a entrevista foi realizada: Vídeo conferência pela plataforma zoom.

Entrevistada: Luísa Camargos

Entrevistadora: Karolina Monteiro de Souza

### **A- IDENTIFICAÇÃO**

Karolina: Qual é o seu nome completo, Luísa?

Luísa: Luísa Camargos.

Karolina: Onde você nasceu?

Luísa: Em BH mesmo.

Karolina: Você tem deficiência?

Luísa: Eu tenho na parte intelectual, síndrome de Down.

Karolina: Como sua família reage a sua deficiência?

Luísa: A minha família reagiu muito bem. Eles me dão suporte, me ajudam, me apoiam e estão comigo em várias ocasiões.

### **B- ENSINO SUPERIOR**



Karolina: Qual é a sua formação Luísa?

Luísa: A minha formação é em Relações Públicas.

Karolina: Aonde você se formou em R.P.?

Luísa: Na faculdade Pitágoras, aqui de BH.

Karolina: Em que ano você concluiu a sua graduação?

Luísa: Eu concluí minha graduação em 2019.

Karolina: Por que você escolheu a graduação em Relações Públicas, Luísa?

Luísa: Eu sou muito comunicativa, eu gosto de muito de conversar, né? Gosto de bater papo com as pessoas e me apaixonei pelo o curso.

Karolina: Você lembra como foram os seus anos na faculdade? Você poderia descrever um pouquinho?

Luísa: Fui destaque acadêmico do curso. Eu fui muito dedicada, fui bem nos estudos. Eu sempre supero, né? Sempre superei várias coisas que aconteciam na época da faculdade.

Karolina: E você poderia descrever um pouquinho como foram seus colegas de classe e professores?

Luísa: Sim, foi bem com os meus colegas de aula, foi bem tranquilo. E com os professores, também. Eles fizeram uma recepção fora do normal. Foi bem bacana. Tinha também as “amizades” com professor e colegas. Com alguns eu fiz mais amizade, com outros nem tanto.

Karolina: Algumas pessoas te apoiavam bastante, Luísa?

Luísa: Me apoiavam bastante, e muitas pessoas ficaram bastante comigo.

Karolina: Algum professor e ou colega foi mais marcante para você? Por quê?

Luísa: Algumas pessoas marcaram mais. E tem outras pessoas que nem ligo mais. Os que ficaram mais comigo, se tornaram amigos.

Karolina: Você lembra de algum momento ou trabalho marcante durante a faculdade? Qual foi para você?

Luísa: Eu fiz estágio dentro da própria faculdade, e o coordenador do curso me chamou para trabalhar na própria faculdade. Lá, fiquei um ano.

Karolina: E por que ele foi marcante para você?

Luísa: É inesperado, né? Tipo, o meu coordenador me chamando para trabalhar na faculdade? Foi mesmo uma experiência inesquecível.

Karolina: Quais foram as principais dificuldades que você teve durante a faculdade?

Luísa: Nos primeiros passos, assim...eu tive pequenas dificuldades. Pequenas não, a maioria! Mas eu consegui superar, depois superei.

Karolina: Você já sentiu ou foi discriminada na faculdade. Se sim, pode me contar um pouco?

Luísa: Eu nunca fui discriminada pela faculdade, bem ao contrário. Não ligo muito para o preconceito. Nem ligo mais se sou discriminada. Já fui, mas passou. Deixei pra lá.

Karolina: Quais eram suas principais expectativas na faculdade? Elas foram satisfeitas?

Luísa: Foi a formatura, uma baita felicidade.

Karolina: Elas foram satisfeitas provavelmente?

Luísa: Foram, foram muito satisfeitas.

Karolina: Você se sente realizada com a profissão que você escolheu de relações públicas ?

Luísa: Eu me realizei muito. Eu me encontrei onde eu tô. Posso ajudar outras pessoas, sou muito comunicativa, né? Como você percebeu.

### **C- MERCADO DE TRABALHO**

Karolina: Você trabalha, Luísa?

Luísa: Eu trabalho.

Karolina: Quando você começou a trabalhar?

Luísa: Eu fui chamada em uma agência de comunicação aqui de BH assim que me formei.

Karolina: Quando te chamaram para trabalhar, você era estudante ainda?

Luísa: Antes de me formar eu trabalhei em uma rede de supermercados. Depois que me formei, me chamaram para na agência.

Karolina: Aonde você trabalha Luísa?

Luísa: Bairro Lorença aqui de BH.

Karolina: É uma empresa?

Luísa: Sim, é uma empresa de comunicação.

Karolina: Qual cargo você ocupa nesta empresa?

Luísa: Eu ocupo o cargo de relações públicas lá na Agência MC.

Karolina: Quais atividades que você exerce no trabalho, Luísa?

Luísa: Educação inclusiva. Eu sou palestrante. Dou palestra para os professores, educadores na área de educação, sabe... Isso tem muito a ver com o meu site, que se chama “Inclusive Luísa” - onde eu conto um pouquinho da minha história, fica tudo lá.

Karolina: O que você faz na área de inclusão?

Luísa: A inclusão que eu faço lá tem relação com o que eu faço no meu Instagram.

Karolina: Você ensina os educadores, como assim?

Luísa: Dou palestras em várias empresas, hospitais e faculdades. Sou multifuncional.

Karolina: Você teve dificuldades para conseguir um emprego e para se adaptar a ele?

Luísa: Tive não.

Karolina: Foi fácil a adaptação?

Luísa: Na verdade, eles que me procuraram para trabalhar neste lugar.

Karolina: Como é o seu relacionamento com os colegas de trabalho?

Luísa: Meu relacionamento com os colegas de trabalho é bom. Fui conhecendo um pouquinho para saber quem é quem primeiro, né? Aí, virou amizade.

Karolina: A empresa lhe dá o suporte que você precisa? Se sim, que tipo de suporte?

Luísa: Eles dão suporte, sim. Para eu me organizar, e para eu ser organizada tem um plano de trabalho.

Karolina: Como é esse suporte de organização, você pode explicar um pouquinho?

Luísa: Posso! É um plano de trabalho que a empresa dá, que vai por aqui e por ali.

Karolina: Quais principais dificuldades no trabalho? Como tem superado?

Luísa: Eu nunca tive dificuldade no trabalho. Nunca tive.

Karolina: Nenhuma?

Luísa: Nenhuma.

Karolina: Você se sente incluída aonde você trabalha?

Luísa: Eu me sinto muito incluída com os colegas de trabalho. Tenho vários amigos.

Karolina: Você tem vários amigos no trabalho?

Luísa: Tenho vários amigos, tenho colegas de trabalho que virou amizade.

Karolina: Quais fatores tem facilitado esse processo de inclusão para você?

Luísa: O processo de inclusão é muito importante. Assim... sabe... eu dou palestra para os educadores e professores. A palestra que eu faço é bem para facilitar a vida das pessoas com deficiência. Esta visão é muito importante, porque dá várias oportunidades.

Karolina: Quais fatores tem dificultado esse processo de inclusão?

Luísa: Na verdade eu nunca tive dificuldades. Eu nunca tive, assim. Aonde eu vou eu me sinto incluída.

#### **D- SONHO E A PROFISSÃO DE RELAÇÕES PÚBLICAS**

Karolina: Para você, como os profissionais de relações públicas podem contribuir para a inclusão das pessoas com deficiência no mercado de trabalho e na sociedade?

Luísa: Conscientização da sociedade.

Karolina: Luísa, agora vou fazer uma pergunta bem íntima: qual é o seu maior sonho?

Luísa: Meu maior sonho é dar as mesmas oportunidades a todas as pessoas.

Karolina: Que mensagem você deixa para as pessoas com deficiência, que querem ingressar no curso de relações públicas?

Luísa: A mensagem que eu vou dar é: siga em frente. Batalhar e lutar. Derrubar as barreiras que encontrar no caminho. Eles vão conseguir.

Karolina: Obrigada pela entrevista

Luísa: Eu agradeço o convite.

## **APÊNDICE 5 – Entrevista Leticia Guilherme**

Transcrição da entrevista número 3

Data da entrevista: 20/09/2021

Meio pelo qual foi a entrevista realizada: Vídeo conferência pela plataforma zoom.

Entrevistada: Leticia Pinto Guilherme

Entrevistadora: Karolina Monteiro

### **A- IDENTIFICAÇÃO**

Karolina: Qual é o seu nome completo?

Leticia: Leticia Pinto Guilherme.

Karolina: Onde você nasceu?

Leticia: São Paulo capital.

Karolina: Em que ano você nasceu?

Leticia: 1997.

Karolina: Você tem deficiência, Lê?

Leticia: Sim, tenho deficiência.

Karolina: Se sim, qual?

Leticia: Osteogênese Imperfeita tipo V.

Karolina: Como sua família reage a sua deficiência?

Leticia: Hoje, muito melhor do que quando eu era criança. É porque quando eu era criança era tudo muito novo. Eu nasci com a deficiência, então já reconheço os meus limites, já tenho minha individualidade formada né? Já sou adulta, mas quando eu era criança era muito difícil porque eu tinha várias fraturas. E aí meus pais não sabiam o que fazer, porque a patologia não é muito conhecida, e o tipo que eu tenho é bem raro. Meus pais não sabiam muito o que fazer, o difícil era lidar com o fato de que eu tinha uma deficiência. Mas, em geral meus pais sempre reagiram bem. Tinham questões de superproteção, eles sofreram por eu estar sofrendo, mas sempre foi tranquilo. E existe essa estrutura capacitista na minha família.

## **B- ENSINO SUPERIOR**

Karolina: Qual é a sua formação, Leticia?

Leticia: Sou formada em Relações Públicas, também.

Karolina: Onde você se formou?

Leticia: No Centro Universitário Belas Artes, aqui em São Paulo.

Karolina: Em que ano você concluiu sua graduação?

Leticia: No fim de 2019.

Karolina: E por que você escolheu a graduação em Relações Públicas?

Leticia: Sempre quis fazer medicina, mas achava o sistema do vestibular muito bizarro, que consome a vida e a saúde mental dos estudantes. Quando entrei no ensino médio tirei a ideia de fazer medicina pela concorrência e tal, pensei em economia e depois pensei na área da Comunicação. Mas, eu não me identificava com Jornalismo e publicidade, na publicidade precisava ser criativa demais e no Jornalismo preciso escrever demais. Falavam que eu era muito comunicativa, eu não conhecia relações públicas na época da escola. Eu achava que tinha apenas jornalismo e publicidade, então quando eu conheci relações pública, percebi que esse negócio tem muito a ver comigo. É uma área mais macro, e eu achava que publicidade só trabalhava em agência, aí eu conheci relações públicas. Acho que esse negócio tem a ver comigo e só prestei para relações públicas, prestei em duas universidades, na Cásper Líbero e na Belas Artes.

Karolina: Você lembra como foram os seus anos na faculdade? Poderia descrever como eram os seus colegas de classe e ou professores?

Leticia: Sim, eu lembro. No começo foi bem difícil porque tinham bastantes questões com acessibilidade, mesmo eu precisando de uma acessibilidade arquitetônica por ser uma pessoa com deficiência física. Eu tinha questões com acessibilidade, por exemplo, nos primeiros dias de aula me colocaram em uma sala inacessível e eu fiquei uma semana indo para a faculdade sem poder assistir a aula. Na faculdade eu precisei lutar pelos meus direitos, porque antes era a

minha família que lutava por mim. Aí eu precisei tomar as rédeas da situação, precisei lutar para ter acessibilidade na área acadêmica. Nunca tive problemas com os colegas da faculdade e nem com os professores. A Bela Artes falava dizia ser uma faculdade acessível por ter o curso de arquitetura, mas não era. Os professores estavam do meu lado, mas tinham alguns que me chamam de terrorista e descompensada.

Karolina: Algum professor ou colega foi mais marcante para você? Por quê?

Leticia : Eu tive muitos amigos e vários na universidade. Sempre tive uma rede de apoio e tantos os professores, como meu orientador do TCC, o professor Luis Carlos de Macedo e a professora Milene Severo foram fundamentais na construção da minha identidade e da minha subjetividade. Principalmente a Milene, que dava matéria de antropologia e sociologia, a gente conseguir desenvolver discussões bem bacanas e recentes. Eu aprendida muito e considerava eles como os meus pais, foram muitos importantes para mim. Tive professores muitos bons, mas também tive péssimos. No processo de TCC, em que o Luis era orientador, o tema era diversidade e inclusão de todas as pessoas com deficiência. Realizamos ações e tudo mais, como eu sempre gostei da parte teórica eu fique com essa aprendida muito e considerava eles como os meus pais, foram muitos importantes para mim. Tive professores muitos bons, mas também tive péssimos. No processo de TCC, em que o Luis era orientador, o tema era diversidade e inclusão de todas as pessoas com deficiência. Realizamos ações e tudo mais, como eu sempre gostei da parte teórica eu fique com essa responsabilidade e também com a contextualização, enfim foi muito bom.

Karolina: Você lembra de algum momento ou trabalho marcante durante a faculdade? Qual foi? Por que ele foi marcante para você ?

Leticia: O começo da faculdade foi muito marcante para mim, foi um momento muito ruim , muito difícil, porque foi um processo de compreender que eu vivia em uma bolha. Até que eu tive uma crise de identidade, assim...porque meus pais me protegem , comecei a ter contato com o feminismo e outras lutas que antes eu não conhecia. Eu era bem pouco politizada e teve a descoberta da minha sexualidade. O mais difícil era a relação com a universidade, um trabalho muito legal que eu fiz com os meus amigos foi um evento que ele era todo acessível, tanto para pessoas com deficiência física quanto para outras deficiências. Criamos uma virada



cultural acessível para deficientes visuais, audisuais e físicos. Havia um paredão onde as pessoas com deficiência auditiva poderiam sentir a música vibrando, e tinha acessibilidade arquitetônica, enfim, tudo o que era preciso para que um ambiente fosse considerado acessível.

Karolina: Quais foram as principais dificuldades que você teve durante a faculdade?

Leticia: Tive questões relacionadas a acessibilidade que me afetavam na faculdade, e alguns professores defendiam a faculdade. Ora eu era representante de classe ora era suplente, então as minhas causas tinha fundamentos porque dificuldade com os estudos, com as disciplinas eu nunca tive.

Karolina: Você já sentiu ou foi discriminada na faculdade. Se sim, pode contar um pouco sobre essa experiência.

Leticia: Como eu estava falando antes, essa sensação de não pertencer ao espaço é muito dolorida. A gente podia fazer uma rampa aqui, mas nós fizemos uma escada, porque a gente escolheu fazer uma escada e você não pertence a esse espaço, é nítido. Eu tenho deficiência física e subo em escada, mas não queria me machucar, porque eles não fizeram uma rampa? A faculdade não tinha piso tátil, depois que o MEC foi lá e a faculdade ia perder nota se não tivesse acessibilidade, passei três anos infernizando eles. Eu não lutava só pela acessibilidade física eu queria piso tátil, queria que o elevador falasse o andar, tinha uma configuração muito pequena e o elevador não falava o andar que parava. Então, tinham pessoas com deficiência visual que não sabiam qual andar elas iam descer e elas precisavam, ao descer do elevador, perguntar para alguém o andar em que estavam. É esses que tem placas em braile, só que nem todo mundo sabe braile, nem todos deficientes visuais sabem braile, porque é muito caro para aprender. Na região da faculdade cai a luz, o elevador reinicia e a gente perde a configuração da voz e do andar. Era uma sensação assim de não pertencimento àquele espaço. Era muito difícil, muito doída e tinham mais duas pessoas com deficiência na minha sala, eram do jornalismo, só que eles não eram engajados, eram pessoas tímidas. Então, eu me colocava na linha de frente junto à coordenação para defendê-los e por isso falavam que eu era descompensada. Olha.. eles são tão bonzinhos e você é tão revoltada. Sabe... coisas assim aconteciam...

Karolina: Quais eram suas principais expectativas na faculdade? Elas foram satisfeitas?

Leticia: Quando eu entrei na faculdade, tipo... você fica alvoroçada, não sei você, mas eu fiquei... nossa... faculdade, né? Tipo, nossa vai ser incrível! E aí a minha expectativa era que eu entrasse e saísse orgulhosa. Não por eu ter me formado, eu sabia que isso iria acontecer, porque eu sempre tive acesso à educação. Mas eu saí orgulhosa por ter feito parte daquilo. Porque eu encontrei pessoas no meu caminho, amigos muitos incríveis. Fiz um TCC muito bom. Enfim, mas não por ter estudado naquela universidade, que antes era a minha expectativa. Porque quem faz Mackenzie aqui, é ... nossa! “Mack no Sangue”. Parece que quem fala mal da Mackenzie, nossa senhora! E queria que a minha faculdade fosse assim. Eu queria amar a Belas Artes. Neste sentido, as minhas expectativas não foram alcançadas. Por outro lado, eu conheci pessoas muito incríveis no meu caminho. A professora Milene, que eu gostava, foi demitida no final de 2018 e aí eu me formei no final de 2019. Apresentei o TCC e ela foi a avaliadora. Eu fico até arrepiada, porque ela saiu escorraçada da universidade três dias antes. Nove orientandos dela apresentaram o TCC e a demitiram porque a professora era de esquerda. Basicamente é isso. Não é que todos precisavam se declarar de esquerda na aula dela, não era nada disso. Todos que eram de esquerda eram demitidos, queriam reduzir os salários dos professores que eram mestres e contrataram professores que só tinham pós-graduação, para pagar menos. A Milene saiu assim, muito mal da faculdade. Eu a encontrei uma semana depois em um grupo de estudos que eu faço parte, e ela saiu muito mal. Mas, ela voltou para avaliar o meu TCC de cabeça erguida. É uma honra o professor avaliar o TCC que as pessoas confiam no trabalho dele e ela sempre foi uma querida com os alunos. Tinha uma didática incrível, era uma questão bem partidária mesmo. Eu me formei orgulhosa, mas não pela universidade, mas pelo que eu construí nesses quatro anos. E, de tudo que eu construí academicamente, mas de identidade mesmo. Como eu falei, por mais que esse período tenha sido difícil, ele foi fundamental para eu entender minha luta e o meu lugar.

Karolina: Você se sente realizada pela profissão que escolheu?

Leticia: Toda profissão é difícil, hoje, no país que a gente vive. Mas, trabalhar com comunicação é muito complicado. Todo mundo que eu conheço que trabalha com comunicação já surtou um dia. É uma pressão muito grande trabalhar com comunicação, e meus amigos trabalham com marcas muito grandes. Eu trabalhei dois anos na Nestlé, e foi muito difícil.

Mas, também eu considero que fiz uma boa escolha. Se eu tivesse escolhido outra profissão eu não saberia o que eu sei hoje. Percebi que relações públicas vai muito além de publicidade, de campanhas, e que se trata das relações que a gente cria entre a empresa e o seu público. E também trata das relações aqui, entre eu e você. São também as relações individuais, não só coletivas. Então, acho que eu fiz uma boa escolha. Não me arrependo, se hoje... sei lá... eu fizesse medicina, eu estaria me formando somente agora. A medicina é uma área que eu amo, e muito mais pelas questões médicas relacionadas ao capacitismo. Eu já sofri por discursos de capacitismo médico, e não queria que outras pessoas passassem pelo drama que eu passei. Porém, a área de relações públicas me proporciona de outras formas, como por exemplo transformação social, de maneira muito potente e muito profunda, então eu sou muito orgulhosa disso, de ser relações públicas.

### **C- MERCADO DE TRABALHO**

Karolina: Você trabalha, Letícia?

Letícia: Sou geradora de conteúdo, esse é o meu trabalho. Como eu falei, trabalhei dois anos na Nestlé, e eu trabalhei com marketing da Nescau e com marketing digital. Atuei em oito milhões de funções, mas eu saí no fim de 2019. E então, no fim de 2020 de novembro eu comecei a criar conteúdo. Hoje é o meu trabalho. Eu vivo disso e é isso. Eu aplico os conhecimentos de relações públicas produção de geração de conteúdo.

Karolina: Quais atividades você exerce nessa função de gerar conteúdo na área de RP?

Letícia: Tudo, por mais que eu tenha equipe, eu faço o roteiro. A parte da comunicação com a marca, orçamento é a galera quem trabalha comigo que faz. Mas, toda a parte da criação da ideia a gente faz junto. Existe a criação, depois tem toda a parte da arte de divulgação do post. Ler as respostas do público, atender a galera, estar sempre em contato com os seguidores. Enfim, tem muita coisa de relações públicas no meio. Além da prática utilizamos questões teóricas, como sociologia, antropologia, essas disciplinas foram fundamentais para o meu processo de criação e geração de conteúdo. Eu continuo estudando, se você para ali, acabou, tchau! Mas eu continuei estudando, lendo, me aprofundando. Participei de eventos dando palestras. No meu caso, além de gerar conteúdos, eu também vou dar palestras que hoje estão sendo virtuais. As vezes elas acontecem para ONGs e também para empresas. Se for para um público aberto, eu realizo no meu Instagram, quando a galera pede. Mas, a maioria das palestras

são para públicos fechados. Falo sobre os meus conteúdos e também sobre a minha vivência relacionada às questões de deficiência.

Karolina: Quando você começou a criar conteúdo, no final de 2020?

Leticia: Isso.

Karolina: Você trabalha na sua casa mesmo?

Leticia: Sim sim.

Karolina: Você teve dificuldade para conseguir emprego e trabalhar na Nestlé?

Leticia: Para conseguir emprego, não. Mas, para me manter, sim. É muito difícil ser estagiária, ainda mais em grandes empresas. O ensino superior não diz o que você precisa fazer na prática, então você chega lá e não sabe o que fazer. Eu não tinha alguém para me ensinar, eu tinha que aprender tudo sozinha, na marra. Tive muitos problemas relacionados a acessibilidade, eu precisava fazer coisas que necessitavam de ajuda física das pessoas da equipe.

Karol: A sua empresa lhe dá o suporte que você precisa? Se sim, que tipo de suporte?

Leticia: Não. A empresa tinha uma cultura de comunicação muito estranha. Tipo, e-mail não funciona. Você precisava falar com a pessoa pessoalmente, na época era entre 2018/ 2019. E você tinha que ir na mesa das pessoas para se comunicar. Eu ficava igual barata tonta, andando aquele prédio inteiro para falar com alguém. Enfim, depois que a Nestlé mudou a sede do prédio, o andar que eu trabalhava não tinha acessibilidade. Havia uma cafeteria em cada andar com uma marca da Nestlé, e a minha era da Nesspresso. Eu não alcançava as coisas, porque a estrutura física do café foi construída fora dos padrões para pessoas cadeirante, isso para ficar mais bonito, porém inacessível para todos. Eu não alcançava a pia para pegar a caneca para tomar café, não alcançava nada, e precisava ficar pedindo favores para outras pessoas. Aquela estrutura não dava autonomia. A galera que trabalhava comigo era muito bacana, mas é uma merda isso de não se ter autonomia para pegar uma água. O banheiro para pessoas com deficiência também era um grande problema para mim. Havia 10 cabines no banheiro feminina, mas havia pessoas que insistiam em usar a cabine de deficientes por oferecer um espaço maior.

E eu era a única pessoa com deficiência física do andar. Então, eu tinha que ficar esperando as “bonitas” terminarem de usar a única cabine adaptada para as minhas necessidades. Elas chegavam a usar o espaço da cabine especial para cochilar, e por isso o banheiro estava sempre ocupado. Eu cheguei a reclamar no R.H, mas eles pareciam um monte de planta, ninguém fazia absolutamente nada a respeito. E, essas questões impactavam o meu trabalho. Após dois meses, o sonho de trabalhar naquele lugar passou. Eu só pensava em pedir a conta, todo dia eu sonhava em sair de lá. Mas, eu me mantinha lá por uma questão de status, por uma questão de salário, e pensando também no que eu poderia aprender. Quanto aos relacionamentos, havia pessoas muito legais, que me ajudam, mas também pessoas muito difíceis de lidar.

Karolina: eles não davam suporte para você nada?

Letícia: Não, era bizarro. Um grande problema para mim ali, era a falta de suporte psicológico. Havia coisas que somente eu deveria fazer, mas os meus superiores não me ensinavam. É muito difícil pensar na desvalorização do papel do estágio. A sua opinião não é levada em consideração, não serve para nada. Aconteceu que eles contrataram uma empresa terceirizada para fazer uma campanha do Nescau. Foi bizarra a quantidade de dinheiro que eles investiram. Na ocasião a minha chefe pediu a minha opinião sobre a campanha, eu disse o que pensava: “O público não vai entender” e então ela disse que eu era apenas uma estagiária. Logo após, quando eu já tinha mudado de área, aconteceu um evento de premiação de campanha. E aquela que eu critiquei venceu como “ a pior campanha do ano” – e eu avisei. Você está falando com público de classe de D e do Nordeste que compra Nescau porque é mais barato. A pessoa não quer saber se o Nescau tem mais soro ou menos soro de leite, comprem por ser mais barato. Era uma campanha que falava de leite e a pessoas nem sabem que tem soro de leite. A gente acha que está consumindo leite e é soro, que tem bastante gordura. Então fizeram uma campanha dizendo que o produto tinha mais leite. O Nescau ficou mais branco por ter menos cacau e mais leite. Bem, enfim, quando eu expus minha opinião, eu tomei um esporro, mas ela havia pedido a minha opinião e eu disse o que pensava. Perderam a maior grana com a campanha, mas opinião de estagiário não tem valor, entra por um ouvido e sai pelo outro. Mas, teve uma época em que tive reunião quinzenal com a moça do RH, ela quem cuidava dos estagiários. Eu continuava com a ideia de pedir demissão, e eles dizem “ Não, você é incrível” . E eu respondia: “Vocês estão acabando com a minha vida”. Eu somente permaneceria ali se mudasse de área. Então, quando chegou a hora de mudar a minha chefe não autorizou a mudança, alegando que seria uma perda tanta para mim para ela. Eu sentia que se continuasse

ali, eu não iria produzir nada, até que chegou o momento em que fui firme, disse que se ela me segurasse eu iria pedir demissão. Todos os estagiários mudavam de área, menos eu. Até que deu certo e eu me mudei de área. Fiz novos amigos e não fiquei mais doente com tanta frequência. Eu cheguei a tomar antidepressivos, a minha coordenação motora foi afetada e emagreci 4 Kg, pois a minha alimentação foi bastante pobre, eu só comia salgadinhos na cantina, pois comia correndo para voltar ao trabalho. Chegava a trabalhar 12 horas por dia, por isso acabei com a minha saúde.

Karolina: Você é geradora de conteúdo, correto?

Leticia: Trabalho na minha casa, eu tenho um contrato com uma agência em que o pessoal que trabalha comigo. Eles possuem uma sede, mas eu vou para lá somente em ocasiões muito específicas.

Karolina: Você tem alguma dificuldade nesse trabalho atual?

Leticia: Ah... é muito difícil trabalhar com conteúdo de internet. Parece fácil, mas é muito difícil, porque as plataformas não facilitam o seu trabalho. Meu trabalho está muito atrelado ao Instagram, que possui suas regras e linguagens, mas eu não tenho, por exemplo, problemas com haters.

Karolina: Como é seu relacionamento com os colegas de trabalho?

Leticia: Com outros geradores de conteúdo? Eu não conheço ninguém pessoalmente. Mas, no geral é ok! Tem galera que me odeia, e tem gente que me ama, como tudo na vida. E o pessoal que trabalha comigo é boa gente. Eu não sou a pessoa mais fácil do mundo para se relacionar, mas sou muito comunicativa, gosto muito de conversar e estou sempre ali. Tenho muitos amigos, fiz muitas amizades na Nestle. Quando eu saí da Nestlé, em 28 dezembro, no último dia, parecia um enterro, todo mundo chorando, pois eu sempre fui muito querida, e eu, assim como eles, também chorei muito.

Karolina: Você se sente realizada onde você trabalha agora?

Leticia: Sim, acho que eu consegui exercer um bom papel social, isso era uma coisa que eu queria, era muito importante para mim. Eu queria falar sobre isso e queria ser ser uma figura que eu não tive representada em alguém real. Eu tento ser o mais ideal possível. As pessoas não gostam de ver a realidade, né? As pessoas gostam, tipo de quem tem muito dinheiro, viaja para Maldivas todo o mês, compra carro caro, bolsa cara, sapato caro... E isso não é relevante para mim. Quando eu era mais nova, precisava ver pessoas igual a mim, tendo dias bons e dias ruins. Não é todo dia que estamos sociáveis. Precisava ver gente que, como eu, chora assistindo série. Pessoas reais, sabe? Eu tento ser o que a Letícia queria ser quando era criança. Eu me cobro muito. Por este motivo eu entrei em parafuso, em função de uma cobrança excessiva sobre mim. Estou em um processo de reconstrução de colocar a cabeça no lugar é respeitar o meu tempo.

Karolina: Como foi que a agência te contratou? Como foi para você?

Leticia: Eu já conhecia eles. Tinham outro projeto antes, e eu já havia palestrado com eles é durante a pandemia. Eles precisavam fazer uma palestra, e tivemos encontros online. Eram muitos no começo da pandemia, então aconteceu que, no final do dia, eles mandaram mensagem me convidando para gerar conteúdo. E este era o meu maior sonho, porém, sozinha eu não tinha coragem e não me sentia suficientemente boa. Então pensei, se der certo, tudo bem. Era disso que eu precisava, pessoas do meu lado em apoiando, e foi assim que começamos. Meu primeiro vídeo foi no dia 16 de novembro.

#### **D- SONHO E A PROFISSÃO DE RELAÇÕES PÚBLICAS**

Karolina: Como os profissionais de relações públicas podem contribuir para a inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho e na sociedade?

Leticia: Eu acho que antes de qualquer coisa é o profissional de relações públicas que tem que entender a importância da acessibilidade, em todo o canto. Tem que ser um valor, não dá pra falar de acessibilidade, de inclusão como se isso fosse não fosse um valor, como se pudesse ser resolvido de outras formas. Não são todas as pessoas da sociedade civil que entendem o quão essas questões são fundamentais para a construção de uma sociedade melhor e igualitária. O papel do profissional de relações públicas é fundamental, não somente em empresas privadas, mas também no terceiro setor. É preciso inserir a realidade do deficiente em todas as instituições. Saber como falar com as pessoas é uma função educativa. Eu lutei muito para o

papel educativo das pessoas de relações públicas. Para mim o papel de relações públicas é o de representatividade. Aprende-se muito com o que se consome em TV, na Internet, além do que se aprende nas escolas. Então, obviamente, trata-se de uma questão de vivências.

Karolina: Qual é o seu maior sonho?

Leticia: Eu não sou uma pessoa que projeta muitos sonhos, assim eu não consigo fazer isso. Tenho uma dificuldade muito grande de ter sonhos e deposito muito isso na falta de representatividade das pessoas com deficiência. É legal ser pioneira, mas é muito difícil para mim ter sonhos, distantes principalmente. Mas é assim como eu falei antes, eu quero e espero ser para as pessoas alguém que eu não tive, que eu não conheci. Então... sem romantizar nada, sabe...Eu quero ser uma pessoa que passa uma imagem de representatividade, por mais que isso seja difícil, eu quero ser essa pessoa. Parece um sonho impossível, mas eu sonho com uma sociedade muito melhor. Pensar em como as minhas ações podem se transformadoras, por menores que sejam, mas eu sonho em fazer a diferença. Eu não quero vencer sozinha, uma vez que meu sonho não é individual, mas sim coletivo.

Karolina: Que mensagem você deixa para as pessoas com deficiência que querem cursar relações públicas?

Leticia: Cursem! Pode ser que não seja fácil, pode ser que você se encante e pode ser que você inicie o curso e depois perceba que não era bem o que desejava. E tudo bem. Tudo bem começar e desistir de algo, não há problema. Recomece, tente de novo. O importante é que seja verdadeiro para você. O seu trabalho, se for verdadeiro, pode ser transformador. Não importa o curso, o que importa que você faça parte de uma transformação de uma sociedade melhor.





## **APÊNDICE 6 – Entrevista Sueli Yngaunis**

Transcrição da entrevista número 4

Data da entrevista:07/10/2021

Meio pelo qual foi a entrevista foi realizada: Vídeokonferência pela plataforma Zoom.

Entrevistada: Sueli Yngaunis.

Entrevistadora: Karolina Monteiro.

### **A- IDENTIFICAÇÃO**

Karolina: Qual é o seu nome completo?

Sueli: Sueli Yngaunis

Karolina: Em que ano você nasceu?

Sueli: Eu nasci dia 14 de setembro de 1962.

Karolina: Onde você nasceu?

Sueli: Em São Paulo.

Karolina: Você tem deficiência?

Sueli: Eu tenho. Enquanto bebê eu tive displasia óssea fibrosa e o crescimento dele comprometeu algumas funções, afetou a visão e afetou a audição. Tenho baixa visão no olho esquerdo e deficiência auditiva severa, uso aparelho auditivo desde os meus sete anos de idade, até hoje, nas duas orelhas.

Karolina: Como sua família reage a sua deficiência?

Sueli: Olha... eu não tenho mais pai e mãe, já são falecidos. Mas, imagina ter uma deficiência na década de 60 e 70 quando não tinha nada de inclusão, e eu comecei a usar aparelho a partir de sete anos de idade. Meus pais eram muitos humildes, e não sabiam que existia aparelho auditivo para ajudar a escutar. É como eles me enxergavam, eles nunca me mimaram. Eles me

colocaram para estudar para e na escola eu sofria *bullying*. E eles diziam: “Vai lá vai brigar , tem que aprender a se virar”. E me deram estudo, né ? Eu sempre estudei. Mas, lógico, eu sempre me refugiei nos estudos, porque quando você é diferente você acabada sendo deixada de lado pelas pessoas. Mas, da parte da minha família eu não sofri preconceito. Eu sempre recebi o apoio necessário, fui minada pela minha família. Mas, sempre fui jogada aos leões para desenvolver a minha personalidade, o que eu sou hoje eu dependo deles. Quando eu tinha cinco anos falaram para a minha mãe se mudar para perto do hospital porque o médico achava que eu era surda e muda, que eu não ia aprender a falar e a escutar. Na opinião médica daquele tempo, eu tinha que viver no hospital para surdo e mudo, minha mãe brigou muito na época, ela era uma mulher do futuro. Então, ela não aceitou essa limitação e falou: “Minha filha pode não escutar, mas ela não é surda e muda”. Na época, falava-se “surdo e mudo”, hoje não. Não existe a palavra “surdo” para quem é “mudo”. E ela assumiu sozinha uma parcela da minha educação, além de me colocar no colégio, e meu pai me colocou para trabalhar na empresa dele, e assim fui me desenvolvendo. Hoje, eu sou professora, mas nunca pensei em ficar à frente de uma sala de aula com os jovens, porque foram os jovens que mais me discriminaram quando eu era jovem. Eu era diferente, era mais feinha, eu era a menina mais diferente. Hoje, eu amo os meus alunos e eles me adoram, me amam. Existe um respeito muito grande, isso mostra o quanto as pessoas conhecem os deficientes. Depois de cinco minutos, quando as pessoas percebem quem nós somos, quem é a Sueli, o que ela pensa, a deficiência deixa de existir. As pessoas olham a pessoa e não a deficiência. Mas, isso é muito recente. Na década de 60 e 70 era muito comum a pessoa com deficiência ser institucionalizada, ficar no asilo, ficar no hospital, ou em uma clínica. Elas não saiam nas ruas. No meu caso, isto não aconteceu. Meus pais me soltaram para a vida, me colocaram para viver a vida do jeito que ela é, eu atribuo muita coisa a eles. Foi difícil, Karolina. Não foi fácil.

Karolina: Conta a sua história até os dias atuais?

Sueli: Olha... para compensar, eu precisava ser a melhor aluna. Sempre fui muito estudiosa, sempre estudei para tirar nota alta. Eu tinha que compensar, os meus colegas queriam ficar comigo para colar na prova, para eu ensinar e explicar a matéria a eles. E, quando chegou a adolescência, entre 14 e 15 anos, aconteciam os bailinhos de garagem na época. Tem uma frase de uma autora militante americana, que diz o seguinte: inclusão não é convidar para o baile é convidar para dançar. Eu era convidada para os bailes, era amiga de todo mundo, mas ninguém me convidada para dançar. Houve um marco na minha vida, foi quando eu sofri um *bullying*

mais forte, bem forte. Depois disso, eu parei de sair e me dediquei aos estudos. Fiz relações públicas na Faap, ainda durante o curso eu fiz uma cirurgia plástica para melhorar um pouco a aparência do rosto. Então, fui trabalhar na empresa do meu pai, lá eu era protegida. Meu pai achava que eu não ia conseguir emprego, então comecei a cuidar da empresa. Só que eu não era feliz ali, eu queria trabalhar na área de comunicação. Foi na década de 1997 que voltei a estudar. Voltei para a Cásper Líbero, e me formei em 84 em relações públicas. Eu trabalhava na empresa da minha família há 15 anos, mas não estava feliz, porque não era a minha profissão. Então, em 97, fui para Cásper Líbero fazer pós-graduação em Propaganda e Marketing. Lá, eu conheci o professor Mitsuru Yanaze, e ele me convidou para fazer a parte da primeira turma do mestrado da Cásper Líbero. Eu respondi: “Não, imagina, eu não vou fazer mestrado, eu não sou professora” Aí, e ele ficou tanto no meu pé, que eu fiz o mestrado. Quando eu comecei a pesquisar, minha dissertação de mestrado foi sobre a relação do aluno portador de deficiência. Na época, falava-se desse modo, hoje não se fala mais assim. Meu tema era meios de comunicação, foi muito bom. Quando estudamos o que é deficiência, o que é inclusão, discriminação, preconceito, eu fui entender o significado dessas palavras. Foi uma autoterapia, comecei a me aceitar mais, a entender a dinâmica da sociedade. Tanto é que na defesa da minha dissertação, o professor era o Ivan Santos Barbosa, professor da USP. Ele disse: “ Eu não concordo com você quando você fala que a sociedade é ruim” Eu respondi: “ A sociedade é ruim sim, porque me discrimina” - Não que eu tenha discordado dele, eu quis dizer que a sociedade não é ruim, mas a sociedade discrimina o que é desconhecido. Quando as pessoas não sabem o que é, não sabem como conversar, como lidar, preferem não conviver, não olhar. E nós passamos pela área da História da inclusão, pela exclusão na idade antiga, pela segregação na idade média, reabilitação, e hoje chegamos na Inclusão. A expressão “Inclusão” é mais nova do que eu, antes não se falava sobre o assunto nesses termos. Começou-se a falar de Inclusão em educação nos anos de 1994, eu nasci em 1962. Antes, o que acontecia e se falava para uma pessoa com deficiência é que ela precisava se reabilitar, ou seja, ela quem deveria se adequar, tinha que andar de cadeira de rodas, andar de muleta, usar aparelho. Não podia ser surdo total senão não servia para a sociedade. A responsabilidade pelo insucesso não era da sociedade, era com da pessoa com deficiência. Quando chegou começou a discussão em torno da inclusão, o modelo social era “naninanão”. Ou seja, a sociedade que precisa estar preparada e dar condições para a pessoa com deficiência desenvolver as suas habilidades. Isso tudo é muito novo, tanto que eu já tinha essa crença. Como uma pessoa que nunca conviveu com alguém deficiente vai se relacionar? Existem muita falta de educação neste sentido, por

exemplo: como lidar com um cadeirante, eu ponho a mão na cadeira de rodas? E com o cego? Eu puxo o cego? Eu grito com o surdo? Então, o que ocorre é que se você educa a sociedade, as pessoas começam a aceitar porque começam a perder o medo do contato, de como se comunicar. Nós temos medo do desconhecido, porque que a família nos reconhece desde sempre, não só enxerga a deficiência enxerga a pessoa não é? Então, meu relato é esse, eu me descobri aos poucos. Eu não logo a comecei a trabalhar com deficiência, no início era “somente” a temática da dissertação do meu mestrado, realizado entre em 90 e em 2001. Após esse período, um colega que fez o mestrado comigo na Cásper Líbero, coordenador do curso de Publicidade e Propaganda em uma universidade em Guarulhos, me chamou para dar aula. Eu me lembro que comecei a dar uma aula por semana. Depois fui para outra instituição e hoje estou na UNICID, há 17 anos. Eu adoro dar aula, os alunos gostam e me respeitam. Sou brava com eles, e não tenho medo de ser brava, porque eu quero que eles estudem, que eles leiam, que eles aprendam. No ano de 2012 a UNICID foi comprada pela Cruzeiro do Sul, e hoje o grupo Cruzeiro do Sul é um dos maiores grupos do Brasil em ensino superior. Em 2013 a UNICID tinha um setor chamado Centro de Atendimento ao Aluno Deficiente, mas eu não tinha nada a ver com esse setor. Os antigos donos do UNICID tem três filhos com deficiência visual, então, por este motivo, criaram esse setor para os alunos. Tinha intérpretes e eles realizavam impressões de textos em braile. Com a compra da UNICID pelo grupo Cruzeiro, foi cogitada a extinção desse setor. Mas, a pró-reitora respondeu que não iria extinguir, mas sim criar um núcleo da acessibilidade. A questão da inclusão no ensino superior faz parte do projeto, e então eles me chamaram. Eu já estava cuidando da reformulação, mas me chamaram para ser coordenadora. Criei um setor específico e trabalhamos, eu e a minha secretária. A nossa função é dar suporte à universidade educando, promovendo técnicas para que a sala de aula seja inclusiva em vários sentidos, ensinaos como fazer. Os professores nos enviam materiais para impressão em braile, enviamos materiais para a biblioteca, ajudamos com livros. O intérprete fala com o professor e não com o aluno. Isso é relações públicas que aplicamos. Eu tenho que fazer o papel do público interno, minha atuação não é com funcionários com deficiência, mas sim com alunos. Eu trabalho com funcionários, técnicos, administrativo, coordenadores de cursos e professores no sentido de orientá-los no como fazer, como lidar com os alunos deficientes. Ninguém da faculdade aprendeu a dar aula para aluno cego, e ninguém aprendeu a dar aula para aluno surdo, e agora nós estamos descobrindo e aprendendo, pouco a pouco. Agora com a pandemia, a aula à distância solicitou o desenvolvimento do pessoal de T.I para auxiliar com um sistema acessível. Mas é uma construção, Karolina. Eu estou há 17 anos na

UNICID, e neste setor há oito. A gente começou sem nada, sabe... Começamos a receber alunos, a contratar intérprete, a fazer reunião com professores... Precisamos lidar com professor que achava ruim. Eu dou aula para cem alunos, e tenho que me preocupar se a aula vai ser acessível a todos, e isso é legal. No começo foi difícil, porque é uma mudança cultural, você não muda o folheto, o jornalzinho, o vídeo... Você muda o dia a dia, com a convivência. Você muda proporcionando formas que permitem o aluno dialogar com professor. Eu aprendo dessa maneira ou de outra? Eu chamo os professores, chamo o aluno deficiente, sugiro a prova oral com o interprete. Já tivemos alunos com deficiente que aos se comunicar melhor e tirou as melhores notas da turma, porque fizemos adaptações os métodos de comunicação para que o alunos pudesse expressar seus conhecimentos. Nós tivemos uma professora de ciências biológicas com um aluno cadeirante que não alcançava o balcão do microscópio eletrônico. Não teve dúvida, ela arrumou um banquinho, e não uma lata de lixo, e colocou o microscópio em cima, para que ele pudesse ver microscópio. Hoje já tem adaptações, mas há muitos anos não tinha. No começo dos estudos de inclusão a gente precisava se virar. Por isso que eu falo, a sociedade não é ruim, mas é preciso normalizar as deficiências. Quando eu falo em normalizar, é o corriqueiro do dia a dia, fazer as coisas acontecerem naturalmente. As pessoas começam a perder o medo e a pensar que não é tão difícil ser amigo ou colega do surdo. Não tem como não falar da relações públicas nesse setor, você fala com *stakeholders*, você tem que entender a necessidade de todos *stakeholders*. O funcionário é ruim porque não atende bem. Mas você ensinou ele? Você explicou para ele como fazer? Ou você só jogou a batata quente na mão dele? Porque é assim que acontece. Não se orienta a sociedade e a pessoa com deficiência acaba virando uma batata quente. E agora, o que eu faço, por onde eu começo? Depois de oito anos nesse setor dá para perceber os professores muitos mais tranquilos. Hoje, quando chega aluno com deficiência, eles não ficam apavorados. Se tem dúvidas eles me ligam, me perguntam. Se eu não sei como lidar, eu vou falar com o aluno, chego junto com ele para entendê-lo. É um processo de construção em que todas as pessoas estão envolvidas. A maioria das empresas querem cobrir cotas. Aí contratam 80 pessoas com deficiência, delegam para o gestor responsável e ele não sabe o que fazer. Vai ficar com medo, lógico. E muitas vezes acabam dizendo que a pessoa com deficiência não é produtiva. Mas foi dada a ela condições de trabalho acessível? Os dois lados foram treinados? Em 1962, na Inglaterra, o Paul Ham falava que a responsabilidade pela limitação não é da pessoa, mas sim da sociedade que criou barreiras. Há um livro do Romeu Sasaki sobre a acessibilidade e ele já foi na universidade duas vezes para fazer palestras, ele é muito acessível, e pioneiro na área da educação. Ele

começou em 1961, trabalhou com a ONU, trabalhou no MEC, ele tem muita experiência, é uma pessoa muito doce e muito dedicada .

## **B- ENSINO SUPERIOR**

Karolina: Qual é a sua formação na graduação?

Sueli: Eu me formei em COMUNICAÇÃO SOCIAL com habilitação em Relações Públicas pela a Faap , em 1984. Em 2000 eu defendia o meu mestrado, sua dissertação foi sobre pessoa com deficiência, e depois eu terminei o doutorado em 2009. Quando eu escrevi sobre as cinco regularidades da pessoa surda estar na comunicação, na época, eu entrevistei cinco pessoas surdas, para elas me contarem do mesmo jeito que você fez , só que daí precisei pegar intérprete, porque são surdos e não tinham a questão da pandemia. As entrevistas foram presenciais, entrevistei quatro alunos e um professor. Esse professor surdo é meu colega na universidade, ela dá aula na UNICID. Eu queria saber a história de cada um deles. Com os estudos eu provei, na minha hipótese, que não está na surdes o problema, mas na comunicação. Porque eles não se comunicam com a língua portuguesa falada e tem dificuldade com o português escrito. Infelizmente, a lei de libras é nova, não é tão antiga. Antigamente, não era obrigada a contratação de intérprete de libras. Hoje, o professor tem interprete. Mas não era assim na época da minha tese. O aluno precisava se virar sozinho com trabalho, com reunião com os colegas, as provas não vinham adaptadas, a linguagem era bem difícil. Não se consegue entender que o professor está querendo perguntar, então o problema da surdes é a comunicação. O surdo tem a cultura própria porque ele criou o jeito dele enxergar o mundo e de receber o símbolo, e de se comunicar . É isso... sou formada em relações públicas, mestre em propaganda e Marketing e doutor em ciências pela USP.

Karolina: Em que ano concluiu a graduação?

Sueli: em 1984 mestrado em 2000 e doutorado em 2019.

Karolina: Por que você escolheu a graduação em Relações

Sueli: Olha, eu sempre sonhei em ser médica, desde pequena eu queria fazer medicina, mas eu gostava muito de desenhar meus pais me colocaram na escola para americana de arte para eu me desenvolver desenho e lá eu conheci o desenho publicitário eu amei publicidade na verdade eu entrei na comunicação social para fazer publicidade e não relações públicas. Só que os dois anos é básico igual, para todo mundo, no terceiro e quarto ano que a gente escolhe a habilitação. E eu comecei a gostar de *stakeholders*, interesses por públicos e cultura organizacional. ai eu mudei me apaixonei nunca me encontrei profissionalmente em relações públicas porque eu nunca tentei trabalhar na área. Quando eu me formei eu já fui para a empresa da família, mas porque será que o universo fez eu fazer relações públicas? Eu não estou usando isso, mas foi esse diploma que me permitiu sair da empresa da família e começar a dar aula no corpo de comunicação .Eu cheguei a dar aula em relações públicas quando eu trabalhei na faculdade INTEGRADA RIO BRANCO, lá eu dei aula na área de relações públicas. E foi com o núcleo da acessibilidade que eu aprendei a lidar com o público, lidar com a cultura da acessibilidade e conscientização. Então, na verdade, não é que eu entrei na faculdade querendo relações públicas, eu descobri o que era relações públicas na faculdade antes de escolher a habilitação.

Karolina: Você lembra como foram seus anos na faculdade, havia pessoas com deficiência no curso de relações públicas (alunos e professores) Se sim, como era convivência na diversidade? Se não, quais pode ser os motivos?

Sueli: Eu recebi apoio de todos os professores, quando eu falei que não ia mais atuar em relações públicas, os professores ficaram tristes. Eu tinha que arrumar um trabalho na área, tinha um grupo muito bom, nós criamos uma agência experimental chamada réplica e foi tudo muito bom. Eu acho que eu era mais fechada na época, hoje eu sou mais saída, eu falo antes. Com o meu grupo não lembro de ter sido discriminada, foi tranquilo, não tenho muito a contar. Tanto professores quanto os meus colegas me aceitaram muito bem ,não tinha diferença.

Karolina: Algum professor ou colega foi mais marcante para você? Por quê?

Sueli: Nossa! Foram tantas pessoas, se eu deixar de mencionar alguém, não quero cometer injustiça entendeu? Eu diria que foi a Maria Aparecida Ferrari. Mesmo eu não ter conseguido a vaga no mestrado na ECA USP, ela nunca deixou de me incentivar , ela foi assistir a minha pesquisa de doutorado, ela sempre foi minha fã E nunca deixou eu desistir, mesmo quando eu ficava triste. Ela me falava “Sueli não desiste porque um dia você vai conseguir”. Então,



eu tenho muito carinho por ela . Eu fui fazer disciplina como aluna ouvinte, eu a conheci, a gente conversou bastante, então ela é uma professora que me marcou. Porque ela sempre demonstrou admiração por mim. Nossa uma professora tão importante e significativa na área ser minha fã, né ? Eu diria o nome dela não é porque você é da área de relações públicas, não. Estou falando de coração mesmo. De pessoa que apoia, que transmite confiança, que não me deixou desistir. Eu já tive alguns professores e colegas que não me apoiavam muito não. Eu sou assim porque os alunos gostam de mim quando eu comecei a dar aula a primeira disciplina que me deram para mim foi teoria da comunicação eu falei quase foi reprovada em teoria da comunicação quando fui na graduação é o que eu tenho ai eu fui estudar de novo bem e minhas aulas eram dinâmicas e os alunos me chamavam de professora signo, que eu sabia explicar signo significante e tal e adoram, fui descobrindo que não tem disciplina chata, que não tem disciplina difícil, o que tem é o professor não saber a transmitir as coisas de maneira transparentemente, de uma forma sensível e clara. Quando nós fazemos com amor e dedicação com uma linguagem que o aluno consiga entender, quando a gente gosta e estuda, fica fácil . A função do relações públicas é traduzir problemas, conflitos do ambiente em uma linguagem que sensibilize e que faça significado para a pessoa. A pessoa vai pensar naquilo, ela pode não mudar agora mas ela vai ficar com a pulga atrás da orelha vai ficar pensando vai modificar né. Eu tenho colegas que trabalham com a acessibilidade no trabalho, no governo. Nós somos a pedra no sapato de muita gente, que diz: “lá vem a Sueli falar de inclusão, lá vem a Marinalva falar de contratar pessoa com deficiência” . E isso não tem volta , o mundo é diverso. Não adianta convidar para a festa, para o baile, se não convidar para dançar. Veja bem, vê se você concorda comigo, imagine o quanto a sociedade ganharia se todo mundo perdesse o medo de conviver com a pessoa diferente. Seja o cego, o surdo, pessoas trans, negras, indígenas, deficiência intelectual, não importa. Tem que aprender a fazer de um jeito diferente. Por exemplo, eu vou trabalhar com a Karolina e com o Pedro, eu tenho que mudar a maneira de trabalhar, pois estamos aprendendo. A gente está desenvolvendo atividades, a gente sai do modelo comum, do modelo único, são como o currículo na educação. Não pode fazer descer o currículo padrão para todas crianças, nem todas as crianças são iguais. Tem que se adaptar. Se a sociedade se abrir para isso, todo mundo ganha. Porque vai se tornar mais proativo, vão encontrar saídas para diferentes condições. Eu acho fundamental a comunicação. Imagina hoje que nós temos tanta tecnologia disponível ,nós ainda temos sites que ainda não são acessíveis, nós temos ainda programas da TV que não tem legenda, que não tem descrição, quando não tem não é porque é difícil, é porque ou as pessoas não sabem fazer ou dá trabalho. Então, por

exemplo, não sei se você sabia, mas descobri a poucotempo o Word POWER POINT e o PDF. Por eles também dá para você fazer transmissão de imagem e ninguém se mobilizou para isso. Eu posso digitar o documento no Word, aí eu coloco uma foto do aluno cego, o som vai no comando de voz, e o leitor vai ler o texto. Quando chegar na imagem, vai ficar branco, não vai ler nada. Tem um comando no Word que você clica na imagem no ponto direito e vai aparecer uma imagem e você vai indicar texto alternativo, vai abrir um campo e você vai descrevendo a image. Você está vendo uma mulher loira de óculos tal , e a pessoa que enxerga não vai ler esse texto mas o *Streaming* de voz, quando passar o mouse na figura, vai ler a figura da imagem. Dá para fazer isso no *Instagram*, dá para fazer isso no Power Point, que é editar texto alternativo. Nós temos muitas soluções para tornar a vida mais fácil, só que as pessoas não sabem . Nós temos que divulgar a receita de lobo. A gente assiste a um programa de televisão para aprender a fazer bolo e vamos aprender a fazer um documento acessível. Vamos aprender alguns sinais de libras, vamos aprender a como a esperar a pessoa que tem uma deficiência intelectual. Ela precisa de mais tempo para falar, ela fala no tempo dela, a gente corta a gente quer completar a frase do outro. Eu acho que é aprendizado. Convivência é fundamental. O mundo ficou melhor depois, oito anos depois do UNICID, da inclusão . As pessoas que foram conviver com alunos com deficiência foram aprendendo e viram que não era difícil, que é possível, a gente aprende com a conveniência um pouquinho de cada dia. É muito importante a lei de cotas, é oportunidade que se está dando para as pessoas conviverem com alguém diferente. Aprender que não é tão complicado, no começo pode ser, mas entra na rotina né. A gente tem que aprender a respeitar cada um, cabe a nós que estamos estudamos o tema tirar esse paradigma. Eu apoio a causa, mas você não é capaz de autorizar um orçamento da adaptação. O que me deixa brava é que algumas pessosa querem fazer coisas de acessibilidade foras das norma. Por exemplo, você vai no banheiro e a barra está no lugar errado. Você vai na rampa e ela está com inclinação errada, a cadeira de rodas não sobe as portas porque estão com as medidas erradas. Falam que o banheiro é acessível , coisas de acessibilidade não é decoração, não é enfeite, tem uma função, altura base, a inclinação do piso tátil que é direcional, piso de alerta, porque que tem bolinhas ,porque que é reto, tudo tem uma função. AS pessoas acham que é enfeite, para dizer que é acessível, e não é assim que funciona. Nós temos ainda um longo caminho, mas nós já estamos caminhando muito melhor que 30 anos atrás. A inclusão ainda não é afetiva , não é realidade ainda. Mas estamos aprendendo, plantando semente, mas é um caminho sem volta. A inclusão não é só colocar para dentro da empresa, dentro de uma escola, tem mudanças que são estruturais, precisa mudar o jeito de

trabalhar. O papel da lei é importante, por isso que eu defendo, o item treze de um artigo 30 artigo da lei, que no capítulo quatro fala da educação e o artigo 30 que fala o que é preciso fazer na escola para promover inclusão. O treze fala da inclusão sobre acessibilidade e inclusão de todos os cursos de ensino superior e profissionalizantes. Então, o arquiteto vai ter a disciplina da acessibilidade para ele aprender o que é acessibilidade na construção, o médico vai falar da acessibilidade porque é assim. Não é porque é médico que ele sabe de todas as deficiências. Como um especialista cuida do estômago de um cadeirante que nunca fica em pé ? A hora que este tema entrar no curso de formação profissional vai melhorar bastante, porque o tema deixa de ser estranho, deixa de ser novo. Ele sai do curso dele profissional do ensino superior já tendo contato um exemplo. Eu tenho um aluno que vai se formar agora no Unicidem, em ciências biológicas. Ele tem paralisia cerebral e é cadeirante, sua mobilidade é reduzida nas mãos e possui baixa visão. Na mesma classe tem um surdo, os dois estudando na mesma classe, a classe adora porque antes da pandemia eles iam fazer passeio de campo, e ele não podia ir porque é parque montanha, como fazer isso em uma cadeira de rodas elétrica. Então, os colegas improvisaram uma cadeira uma roda de bicicleta com uma barra para eles segurarem para levar o colega no passeio. Isso mostra que esses jovens quando se formarem, irão lidar com deficiência dessa maneira diferente você entendeu? Essa é a minha classe que veio pedir para a gente algumas aulas de libras, porque eles queriam tentar se comunicar com o colega surdo. Isso prova quando que, se você convive com dia a dia, você se interessa mais a ajudar e isso desconstrói o preconceito. O pré-conceito é quando eu tenho uma pré concepção de uma coisa que não é verdade, então só vai mudar quando mais pessoas com deficiência tiver circulando na rua. Na década de 70 os cadeirantes foram para a rua brigar por direitos, aí que começou a mudar, porque antes eles estavam em hospitais, eles ficavam escondidos. E, Karolina, são poucos ainda. Há muitas família com pessoas com deficiência, escondidas. Que não vão para a escola, a família recebe o MBC, aquela bolsa, aquele benefício de proteção continuada que é o dinheiro que o governo dá para pessoa com deficiência e não se desenvolve. A gente tem que lutar contra isso, para verdadeiramente a sociedade se mobilizar. Temos muito negros, muitos homens e mulheres trans, muitas pessoas homossexuais e pessoas com deficiência. A sociedade é diversa, a gente não tem que esperar que a sociedade mude

Karolina: Você lembra algum momento ou trabalho marcante durante a faculdade? Qual foi? Porque ele foi marcante para você ?

Sueli: Engraçado, eu tenho poucas lembranças da faculdade tá, acho que eu vou lembrar quando eu apresentei o meu TCC sobre a Sobrapar, que cuida de crianças com comorbidade crâniofaciais. Então, eu fui até o hospital Sobrapar para entrevistar o médico, que por acaso, foi o meu médico cirurgião plástico. E, quando eu entrei em contato com essas crianças que tinham comorbidade faciais mais graves que as minhas, eu vi que eu não tinha nada, apesar de ser a mais feinha, tinham crianças que não tinham olhos. E, no meu mestrado, eu entrevistei uma criança de lá, isso me marcou muito. Acho que o TCC me marcou porque acho que foi o primeiro momento em que eu entrei em contato com tema deficiência sem saber que hoje eu ia trabalhar isso. Então, o TCC me marcou muito, foi uma experiência maravilhosa que continuou no mestrado e continuou no doutorado. Porque eu tive contato com a realidade e não com o livro, eu não fui ler livro para fazer TCC, eu fui conversar com as pessoas, fui conversar com o médico, fui conversar com as pessoas com deficiência. Em minha dissertação do mestrado entrevistei 174 adolescentes com deficiência, surdos cegos. Outra coisa que me marcou foi ver as freiras das escolas para cegos, ver eles escreverem em braile e elas traduzirem para mim na língua portuguesa. Eu vi o quanto o mundo deixa de ser acessível para essas pessoas e nós somos da comunicação. Aí coloquei um argumento que hoje não uso mais porque o mercado das pessoas com deficiência é muito grande, como vou ganhar dinheiro, caramba é o dinheiro que é importante ou é ter roupa acessível para ele. Então, se eu falar o que me marcou na faculdade foi a experiência do TCC que eu fiz para a Sobrapar, que é um projeto de comunicação do órgão de comunicação cultural do hospital que opera crianças com deformidade crânio facial. Ali eu podia aplicar o que eu aprendi na faculdade. Na hora que eu elaborei esse projeto experimental foi muito bom, ele foi premiado, o Fábio França estava na banca, o meu médico do hospital que conduziu. Ele foi assistir, então acho que foi marcante mesmo. Eu fico muito brava quando alguém fala que não confia na competência de uma pessoa com deficiência, mas não tem interesse em aprender. Eu senti na pele isso, acho que é a empatia. Tem uma coisa, Karolina, que eu vou compartilhar com você. Teve um livro que eu li, chama-se enfrentando a deficiência, Karolina. Esse é um livro muito antigo que fala da importância do acolhimento. Quando você vai receber a pessoa com deficiência você precisa receber ela por inteiro. Não é acolhimento assistencial é acolher ouvindo. Então, quando eu recebo alunos, eu que entrevisto. Eu não existe uma receita para todos, porque para cada um é diferente, nem todos os cegos são iguais, nem todos os surdos e TDAH são iguais, nem Síndrome de Down. Cada um é diferente, cada ser é único. Então nós precisamos ouvir e acolher quando ele vem, todo tímido. Eu falo a minha história ele pensa assim: “se ela

conseguiu eu também posso conseguir” . Eles precisam de um exemplo, então as vezes eu chamo alunos que já se formaram. Tem um aluno cego que se formou em direito na universidade, ele já trabalha no escritório de advocacia e ele vem falar com os nossos outros colegas. Uma outra aluna cega que vai se formar agora presenteou a gente com uma boneca na pandemia. A tia dela ensinou a fazer a boneca de pano e ela perguntou se eu aceitaria como presente para o núcleo. É lógico que sim. A boneca é um símbolo para nós e tem o nome dela é Catarina. Por que eu estou contando isso? Porque uma cega parar o seu tempo para fazer uma boneca, envolver a tia e a avó para presentear a gente, é reconhecimento. E a gente tem que agradecer, Karolina. Tem que acreditar em você, eu tenho que acreditar em mim ,o mundo não é ruim, ele não conhece a gente. E se a gente não se expor como é que eles vão adivinhar quem somos, não é verdade? Eu chorei muito, Karolina, na minha vida. Hoje não tem espaço, hoje a minha energia é para lutar ! Porque muitos não conseguiram chegar aonde eu cheguei. Por causa da minha idade o meu trabalho vai ganhando maturidade, a gente vai aprendendo a aceitação. Eu trabalho muito para levantar autoestima dos jovens. Quando eu era pequena era mais quieta, hoje não. Eu acho que o sol nasceu para todos. Obrigada por ter escolhido o tema, você é mais uma que vai escrever sobre isso e com certeza você vai influenciar os seus colegas que vão para a área de trabalho. Acho que de em grão em grão a gente vai construindo um belo castelo. Não menospreze nada do que você fizer, nada. Já tive experiência de escrever alguma coisa e anos depois a pessoa lembrar coisa que eu não lembro. Então, a gente deixa nossa marca. Você deixou marca na sua dor, você deixou marca nos professores, você pode deixar o TCC esquecido em alguma biblioteca, mas com certeza algumas palavras, em algumas pessoas, irão gravar no inconsciente. Eu não sei se você conhece o professor Carlos Sales. Eu participei de um evento com ele, não tenho contato direito, mas na ABRACORP eu fiz parte da mesa que ele estava, juntamente com a professora Maria Cristina Ferraria . O Saales fez doutorado na USP sobre diversidade e ele criou uma empresa chamada “+ Diversidade”. A empresa está fazendo sucesso e ele está no Estados Unidos e tem ligação com a ONU. O cara está super top, toda a equipe que está montando é com pessoas da diversidade. Ele contratou negro, Trans, lésbicas. tudo para cuidar da comunicação da empresa. As empresas dele estão contratando para trabalhar a diversidade dentro delas. Olha, a sacada deles é muito boa. Ele está contratando profissionais com mais de 50 anos. Como você irá contratar um jovem lindo, maravilhoso, mas que nunca viveu nada para fazer um papel de comunicação de inclusão. Tem que falar quem entende, porque eu e você entendemos sobre o que estamos falando porque eu falo da minha vivência, eu não estou falando a partir do meu interlocutor. O livro é diferente

de você viver a realidade e a comunicação real é a comunicação legítima. Não é a comunicação instrumental, mas aquela que toca o ser humano. Ontem, eu assisti uma coisa em um congresso que eu gostei muito, que as pessoas preferem atender a expectativa do sistema, e nós temos que mudar o sistema, mudando as pessoas, colocando-as como porta voz, aí você vai ver... Daqui dez anos você vai lembrar o que eu te falei hoje, tá bom?

Karolina: Quais as principais dificuldades que você teve durante a faculdade?

Sueli: As dificuldades não lembro. Foram dificuldades comuns, né? De matéria, professor chato... Não tive grandes dificuldades, não. Dificuldades naturais, como não gostar de uma matéria, pegar DP na outra, nada que me chame a atenção que eu poderia relatar agora.

Karolina: Você já se sentiu discriminada na faculdade? Se sim, pode contar um pouco sobre essa experiência?

Sueli: Não, eu acho que nada pontual. Tínhamos essa coisa de não chamarem para grupo, mas eu fiz amizade logo no primeiro dia com um grupo de colegas, e somos amigas até hoje. Então, eu não senti essa discriminação. Se teve por parte dos outros alunos, eu não prestei atenção, não. Na faculdade não.

Karolina: Quais eram suas principais expectativas na faculdade? Elas foram satisfeitas?

Sueli: Quando eu era adolescente, ainda tinha uns 20 e 22 anos, eu tinha expectativa de trabalhar em uma grande agência publicitária famosa. Mas eu não me formei em publicidade, eu trabalhei sim em publicidade no período de dois anos. Depois eu saí para trabalhar na empresa da família, como eu te falei. Mas eu tinha perspectiva em trabalhar em agências de publicidades famosas. Tinha as expectativas de todo jovem que quer trabalhar em uma multinacional, em uma grande agência. Eram essas as minhas expectativas, normal de qualquer jovem que está fazendo uma faculdade. Mas, elas não foram atendidas e eu nunca trabalhei em uma grande agência, tá bom?

Karolina: E como você avalia a preparação dos professores e das instituições de ensino superior para a inclusão dos alunos com deficiência?

Sueli: Eu não tenho condição para avaliar em nível nacional ou estadual, eu vou falar da realidade que eu conheço, tá? A última lei sobre deficiência foi aprovada em 2015, que é a LBI. Falar de educação inclusiva foi na declaração de Salamanca da ONU, em 1974. Como

é algo muito novo, não fez nem trinta anos. A LBI em 2015, agora que fez seis anos. Eu avalio que poucos professores tem contato com a questão da realidade da pessoa com deficiência. Os alunos estão caindo, pingando nas turmas, um em uma sala e outro em outra sala. Mas, são poucas as instituições como a minha, que tem um setor que vai além de dar amparo ao alunos, mas que dá suporte ao professor. Os professores ainda estão apreendendo a agir de maneira inclusiva. Mas existem alguns preconceitos, pessoas que acham que é uma questão de mais ou menos esforço. Infelizmente, a gente recebe alunos que estão fazendo faculdade, mas a gente percebe que não vão conseguir exercer a profissão, porque na infância não foram estimulados. Então, eles chegam na faculdade com grande déficit cognitivo, e o professor precisa lidar com isso. A maioria chega daquele ensino público que o professor passava de ano, sabe aquela aprovação automática? Já recebemos alunos que não sabiam escrever, já recebemos aluno que não tinha matemática. Como é que chegou na faculdade, os professores anteriores receberam orientação de não reprovar, não pode reprovar aluno com deficiência. Mas você tem que encontrar uma maneira de ensinar alguma coisa. Você tem que adaptar, ele não vai aprender igual a todo mundo, mas alguma coisa tem que aprender. O desafio do professor do ensino superior é receber esses alunos com desvantagem de aprendizado. E a faculdade não é lugar que vai ensinar isso, então nós temos o atendimento psicológico e a pedagogia com alunos. A gente caminha para o atendimento para compensar. Por exemplo, um aluno com baixa visão, descobrimos que ele não sabia ler e escrever. Uma estagiaria de pedagogia deu algumas aulas para ele e ele conseguiu aprender na faculdade. É isso que eu estou falando sobre o professor mudar o jeito de dar aula, adaptada para a necessidade do aluno, sem descuidar do resto da turma. E segundo, o professor recebe o aluno que não tem todo o conhecimento necessário para entender a matéria. Aí ele não consegue aprender e o professor fica refém dessa situação. Mas ele não tem culpa que os alunos foram passando de ano no ensino fundamental e médio. Praticamente, esse aluno foi emburrando, é cruel o que eu te falei, mas é para o sistema se ver livre. Então ele bate lá no ensino superior e o professor tem “rebolar” para ele aprender.

Karolina: Quais as principais barreiras para o aluno com deficiência que escolhe Relações Públicas?

Sueli: Bom, não tenho experiência com aluno com deficiência em relações públicas porque nós nem temos esse curso onde eu trabalho, tá? Vou juntar o que eu conheço da deficiência dos alunos que eu já atendi e vou lembrar o que é dado de aula de relações públicas. Primeira coisa, se você falar de surdo, temos que lembrar que o surdo que é sinalizado foi alfabetizado em

libras, então ele não domina a Língua Portuguesa e relações públicas precisa ler muito e saber escrever a Língua Portuguesa. Então, para o surdo tem que fazer o curso de Língua Portuguesa para poder dominar, tem a questão da cultura. O entendimento da realidade do surdo é concreto e relações públicas trabalha com muito objetivo, trabalha com o sentimento. Como trabalha com percepções, então para o cego não vejo grande dificuldade, eles não enxergam material em PDF e WORD ele vai estudar, vai ler ,ele pode escrever muito bem, eu não vejo dificuldades. As questões com deficiência intelectual, depende do nível, mas é possível, sim. Então, eu acho assim.. os cursos mais fáceis para qualquer tipo de deficiência, porque a maioria do material é escrito, não é visual, né? É diferente de você dar aula para fisioterapia, como é que explica o organismo humano para um cego, é complicado, então eu não vejo de adaptação da faculdade, que tem que fazer para se tornar o material acessível. O professor disponibiliza a prova emWord, o material em PDF para controles de voz, pode oferecer o intérprete de libra que é muito importante. Em relações públicas, maravilha! Porque vão para o mercado de trabalho trabalhar com cultura organizacional sabendo o que é a diversidade que eles vivem no dia a dia. Então, é isso, eu não vejo grande dificuldades, acho que é mais a responsabilidade do professor e da instituição de criar matérias acessível para que eles possam ler estudar desenvolver.

Karolina: Você se sente realizada com a profissão que escolheu?

Sueli: Sinto gosto, já tive dúvida, mas eu gosto , adoro o desafio e adoro trabalhar a percepção das pessoas. A gente não pode ter pressa porque não se aprende coisas do mundo do dia para a noite. Eu sempre dou marketing holístico para eles, e falo sobre a importância de olhar os *stakeholders* da gente. O marketing não é só publicidade e propaganda, não é só o produto novo. Você tem que ver a necessidades do público interno, dos colaboradores, dos distribuidores e do fornecedores. Eu considero a área derelações públicas um conjunto de conhecimentos útil para qualquer área. Deveria ser a segunda graduação de todo mundo, qualquer profissão deveria ter um ano de relações públicas, seria muito mais fácil para todos conseguir o objetivo.

### **C- MERCADO DE TRABALHO.**



Karolina: Você trabalha Sueli?

Sueli: Sim, sou professora e coordenadora do núcleo da acessibilidade da UNICID então esse é o meu trabalho

Karolina: Onde você trabalha?

Sueli: Sou coordenadora do núcleo de acessibilidade da UNICID e professora.

Karolina: Qual cargo você ocupa?

Sueli: Eu sou professora de administração e sou coordenadora do núcleo de acessibilidade da universidade cidade de são Paulo UNICID eu dou aula e coordeno o departamento que cuida da acessibilidade.

Karolina: Quais atividades profissionais você exerce?

Sueli: Eu dou aula e coordeno o setor que irei descrever as atividades. Conversa com os professores; conversa com os coordenadores; solicitar um apoio interno administrativo para criar alguma acessibilidade, por exemplo uma aluna solicitou uma sinalização do piso tato da escada, a gente vai lá autorizar. Um aluno solicitou do material em braile, a gente providencia. Eu faço parte também do núcleo dos direitos humanos de inclusão do grupo Cruzeiro do Sul Educacional. Nesse grupo, a gente organiza evento para acessibilização das pessoas do direitos humanos mais diversos públicos.

Karolina: Você teve dificuldades para conseguir um emprego e se adaptar nele?

Sueli: Hoje eu não tenho porque estou a 14 anos na UNICID, mas eu já tive dificuldade de arrumar emprego de professora, porque quando eu consegui trabalhar é porque alguém me conhecia como pessoa. Quando eu era entrevistada por alguém do RH eu nunca era aprovada. Então, você percebe que é preconceito, quando a pessoa não te conhece, faz algumas perguntas e deduz que você é capaz ou não de ser contratada. Tanto é que umas das pessoas que me ajudou a indicar para alguém que me contratou no UNICID foi a professora Edineia, já ouviu falar dela? Ela é relações públicas, eu conhecia a diretora do curso de comunicação da UNICID, que foi quem indicou o meu nome, e aí eles me chamaram. Quando é a deficiência que está na frente ninguém coloca fé em você. Quando as pessoas superam e conhecem o ser que está

ali, elas indicam. Hoje eu não estou procurando emprego, estou há anos lá, mas eu já tive dificuldade sim de arrumar emprego. As pessoas não me conheciam e na primeira entrevista já me descartavam. Eu dei até uma aula simulada e não deu certo, e eu nunca tive problema com aluno. Sou professora há 21 anos e sempre com um bom relacionamento com todos.

Karolina: Como é seu relacionamento com os colegas de trabalho?

Sueli: Muito bom, eu sou pouco questionadora e vou atrás da inclusão, eu não desisto. Mas são todos muitos respeitosos. Meus colegas me ouvem, tenho muita negociação, me dou bem com todos, não tenho nenhum problema de que achar que minha deficiência impede alguma coisa. O que já incomodou é eu cobrar coisa de acessibilidade e talvez pensarem: “lá vem a Sueli chata de novo falar de acessibilidade, inclusão e tal”. Mas hoje eles já acostumaram, não reclamam mais, pelo contrário. Hoje sou procurada pelos colegas quando precisam tirar uma ideia, dar um palpite, ajudar. Eu gosto muito deles, sou muito respeitada, tanto pelos os meus colegas e pelo meu chefe. Eu recebo muito apoio da gestão da universidade, da pró-reitoria, acho que isso é fundamental, porque se a gente não tiver apoio deles, ninguém obedece aqui embaixo. Eu sou grata pela confiança que eles depositam no trabalho que desenvolvemos. A boneca Caterina, que eu contei a história, veio para coroar o nosso trabalho. Eu não trabalho sozinha, tenho uma assistente que faz toda parte operacional e eu fico com toda a universidade. Eu falo com a biblioteca, com professores, coordenadores. A inclusão é o processo de construção coletiva, não é trabalho de uma pessoa só. É todos os envolvidos, digamos que eu sou uma maestra que está orquestrando tudo, colocando diretrizes, mas é um trabalho em conjunto. Então, eu me dou bem sim com a minha equipe. Eu vim para ficar e não vou fingir que sou coordenadora. Eu vou fazer as coisas acontecerem, então, para acontecer, não pode agradar a todos. Você vai desagradar algumas pessoas, mas precisamos ser fieis aos nossos princípios profissionais.

Karolina: A empresa lhe dá suporte que você precisa? Se sim, que tipo de suporte?

Sueli: Dá, bastante! Como acabei de falar, eu tenho muito apoio da reitoria. A gente plantou uma semente hoje e a flor não vai nascer amanhã, algumas coisas demoram mais, outras menos. Mas existe sim uma estrutura e há luzes voltadas para o nosso trabalho, até por isso a necessidade da organização.

Karolina: Quais eram suas principais dificuldades no trabalho? Como tem superado isso?

Sueli: É não entender que você está pedindo, falta empatia e fazer que o outro se coloque no lugar da pessoa com deficiência para entender a solicitação de uma pessoa cega, ou surda. O porquê de um surdo pedir uma coisa, o porquê de o cego pedir outra coisa. O porquê de um cadeirante. A dificuldade é criar essa empatia, fazer com que o outro se coloque no lugar e não interpretar com um capricho. Até vou pegar uma palavra de um livro do professor Panoeiro, ela é um advogado cego que escreveu “que o direito da pessoa com deficiência não é um privilégio, é uma prerrogativa”. Então, a gente não está querendo ajudar o aluno para ser bonzinho, a gente está querendo criar condições para que ele faça o curso e aproveite as aulas da faculdade em condições de igualdade.

Karolina: E você se sente realizada no seu trabalho?

Sueli: Muito! As vezes eu tenho vontade de desistir porque eu tive um problema e alguém não entendeu. E aí acontece de naquele mesmo dia eu receber um e-mail de uma aluna com carinho, um presente aqui, uma mensagem no *Facebook*. Aí eu falo, não tem como. Eu vou largar isso? Eu me sinto muito realizada! Se olhar para trás, do jeito que a gente começou... Eu lembro da minha secretaria, só nós duas. Foram oito anos e a gente tem um setor para estruturar, com os nomes dos alunos para acompanhar semestre a semestre. Hoje temos uma equipe de treze interpretes de libras, todos eventos possuem tradução. Então eu me sinto realizada, porque eu aprendo muito.

Karolina: Você sente se incluída onde você trabalha?

Sueli: Sinto.

Karolina: Quais fatores tem facilitado esse processo de inclusão?

Sueli: Eu acho que a convivência ensina muito mais que um livro, que uma palestra. Mas a informação para gerar conhecimento é importante, para discutir, falar sobre o tema, isso também é fundamenta. Por isso é preciso dar oportunidade, para que se possa conhecer, conviver e aprender com a pessoa deficiente.

Karolina: Quais fatores têm dificultado esse processo de inclusão?

Sueli: É a falta de vivência das pessoas. Essa coisa do medo do desconhecido dificulta, as pessoas não querem avançar no desconhecido.

Karolina: Como você avalia o processo de inclusão das pessoas com deficiência no mercado de trabalho? O que avançou e o que é preciso avançar?

Sueli: Uma coisa é a lei de cotas que foi aprovada em 1991. Não é uma lei nova, ela já fez trinta anos, já é uma senhora. Mas as empresas agora estão precisando cumprir porque se não cumprir paga multa. Nem todas as empresas estão abertas para promover mudanças internas, arquitetônicas, atitudinais, instrumentais e metodológicas. Colocam os custos como justificativa, quando na verdade, elas promoverem a inclusão, a produtividade vai aumentar. Você verá colaboradores mais fieis, mais dedicados. É importante dizer que a lei veio para promover a obrigação da convivência. Mas, os fatores que tem dificultado o mercado de trabalho é que as empresas estão interpretando o custo dessas adaptações como gasto, e não como investimento no ambiente inclusivo. Tem que mudar o olhar. Agora está na moda falar em ICG em compliance e o pessoal que vai ganhar lição de casa para mostrar que são empresas inclusivas. Aí, virou as costas, demitem todo mundo. Contratam depois demitem e recontratam de novo. A lei de cotas não foi feita para as empresas, foi feita para as pessoas deficientes. Muitos alegam que não há pessoas com deficiência qualificadas, mentira. Aumentou muito o número de pessoas com deficiência com graduação, com curso técnico, que são sim capazes. Eu já vi um acadêmico doutor com baixa visão e queriam dar cargo para ele de faxineiro. A lei não é devidamente cumprida pela maioria das empresas. Isso não quer dizer que não é possível, há várias empresas que eu conheço que tem pessoas com deficiência e criaram um ambiente adaptável que deu certo. Então nós temos sim histórias boas, histórias verdadeiras que mostram que é possível sim.

Karolina: Quais fatores podem contribuir para a inclusão das pessoas com deficiência nos ambientes organizacionais?

Sueli: A arquitetura em um ambiente acessível para que as pessoas possam circular com segurança é fundamental. Por exemplo, a Japa House é uma casa cultura japonesa na Avenida Paulista, lá eles treinaram todos os funcionários para saber receber as pessoas com deficiência. Então, as organizações tem que estar preparadas para receber essas pessoas. Não adaptar só para contratar, é para visitantes, clientes, parceiros. Acho que é a informação mesmo, a informação pode contribuir para a inclusão

Karolina: Quais fatores tem dificultado o processo de inclusão das pessoas com deficiência nos ambientes organizacionais?

Sueli: Falta de informação, falta de vontade, falta de política, falta de tomada de decisão dos gestores. Tem que mudar a ordem de prioridade, não importa se é uma minoria, mas são pessoas. As organizações precisam dessas pessoas para existir. É preciso criar uma cultura de inclusão.

Karolina: Quais são as principais barreiras que os profissionais de Relações Públicas com deficiência enfrentam ou podem enfrentar no mercado de trabalho? São as mesmas que enfrentam na universidade?

Sueli: Olha, acho que comunicação para o surdo cego e surdo são as barreiras comunicacionais. O texto escrito precisa ter acesso acessível e para o cego precisa ser texto falado. Nas relações públicas é comunicação integrada na essência. Janela de libras, legenda escrita, áudio, exemplos de rampa, elevadores, o banheiro. A deficiência intelectual precisa se adaptar ao conteúdo e à forma de comunicação para que o deficiente possa assimilar e processar. Acho que é respeitar. Eu não sei muito falar porque não atuo na área de relações públicas. Estou falando a partir da minha experiência, que eu conheço da convivência dos alunos com deficiência que eu tenho contato. O profissional da comunicação tem a questão da imagem, ser bonito, se vestir bem, tem que falar bem. Talvez ainda a imagem da pessoa com deficiência seja representada como uma imagem menor. A pessoa não tem autoridade e legitimidade de falar porque existe o preconceito em relação a imagem. Uma reprodução de um modelo ideal de ser humano.

Karolina: Para você Sueli, porque decidiu pesquisar esse tema e quando?

Sueli: Como eu expliquei lá trás é a resposta agora. Pensei, como eu posso contribuir com a minha visão com a minha experiência e me colocar no lugar do outro para que esse cenário mude um pouquinho. Eu não vou conseguir mudar o mundo, mas se eu melhorar a vida de 30 alunos com deficiência tá ótimo. Ajudar as pessoas a sofrer menos, empoderar os jovens, empoderar as pessoas com deficiência. Nós podíamos estar em casa chorando e lamentando, mas não a gente quer mudar o mundo, é isso. Eu criei empatia e meu sonho é que o mundo, a sociedade crie empatia com todas as pessoas diferentes. A sociedade precisa reconhecer que a diversidade faz parte da natureza humana, nós não somos iguais tá?

## **D- SONHO E A PROFISSÃO DE RELAÇÕES PÚBLICAS**

Karolina: Para você, como os profissionais de relações públicas podem contribuir para a inclusão das pessoas com deficiência no mercado de trabalho e na sociedade?

Sueli: Adorei essa pergunta, agradeço a você ter feito essa pergunta. Vocês que vão se formar em relações públicas não achar que incluir a pessoa com deficiência é convencer o público interno. Aceitar a pessoa com deficiência porque é socialmente responsável, porque tem que cumprir cota. É desconstruir que trabalhar com a pessoa com deficiência é uma missão, que nós temos que ser bonzinhos, que tem vaga no céu, não é isso. Tem que ser uma coisa natural. Então, não vamos trabalhar campanhas assistencialistas, campanhas de sensibilização de conscientização. Vamos criar oportunidade para eles se encontrarem, para eles se conhecerem, o resto eles vão dar conta sozinhos. Acho fundamental isso. Criar empatia entre os diversos públicos estratégicos. Isso é muito importante, desenvolver empatia e deixar o outro estar, e se sentir no lugar do outro para poder entender, está bom?

Karolina: Qual é o seu maior sonho?

Sueli: Nossa senhora, olha ver mais pessoas com deficiência em cargos de gestão, que elas sejam promovidas. Se taxa de contratação de pessoas com deficiência subisse para pelos menos 5%, nossa! Eu ficaria muito feliz! E que a gente tenha mais anúncio no jornal, contrata-se PCD. Se um candidato for PCD que ele possa ser considerado, porque você não contrata o PCD você contrata a profissão. Por exemplo, eu estou contratando a Karolina como relações públicas e não a deficiência que ela tem. Eu estou contratando o Pedro engenheiro e não a cadeira de rodas para cumprir cotas. Então, o meu maior sonho é que a deficiência seja apenas uma característica, assim como eu sou loira de olhos verdes, alta, eu poderia ser cadeirante. Cadeirante é uma característica minha, eu tenho deficiência auditiva é uma característica a minha. O meu maior sonho é aumentar essa taxa de contratação e ver pessoas com deficiência em cargos de gestão, isso pode fazer toda a diferença na sociedade.

Karolina: Que mensagem você deixa para as pessoas com deficiência que querem cursar o curso ou cursam relações públicas?

Sueli: Primeira coisa é não deixar o outro te rotular, não deixem, acreditem em vocês. O potencial não se desenvolve se o outro confia em você ou não, isso a gente descobre dentro de nós mesmos. As relações públicas vai empoderar vocês em torno do conhecimento sobre o comportamento humano, e isso faz toda a diferença na hora de selecionar estratégia, na hora de elaborar um plano de comunicação com a abordagem mais adequada. O instrumento comunicação relações públicas não pode ser utilizado apenas como um instrumento operacional. Tem que ser uma forma de chegar no coração das pessoas. Quando eu falo em coração, parece que não combina muito com a área organizacional, mas existe uma linha nova, pode pesquisar, chama empresas humanizadas. Empresas estão tralhando amor, coração sentimento. Nós não somos o sistema, nós fazemos parte dele, mas se a gente muda a gente muda o sistema. Não tenham pressa de colher frutos, em relações públicas há instrumentos para vocês trabalharem o sentimento e o coração. Confiem em vocês, tá bom?